O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 5 DE JUNHO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:363

Do mal o menos

A tremenda, a tremendissima especulação que ahi vae! E como esta patria requer, cada vez mais, uma mão de ferro, para pôr cobro á desordem!

São gatunos, verdadeiros gatunos em acção. São grilhetas. A peor escoria da sociedade humana.

O *Credito Predial* é um espelho d'elles todos. Não é mais nada. E' um espelho d'elles todos!

Todos elles são Quintellas. Todos elles são Talones. Isto é, todos elles são gatunos, refinadissimos gatunos, e alguns até usam este nome, ou são conhecidos por este nome, no trato intimo das porcas quadrilhas. Todos elles são falsificadores, prevaricadores, malandros. Todos elles, na melhor hypothese, são protectores, são compadres, são eleiçoeiros, são capa de malandrices e de infamias.

Que se não deixe illudir por mais tempo o desgraçado paiz, que só tem um recurso justo e salvador, como cem vezes lh'o temos dicto: esmagar os quadrilheiros, liquidar de vez as quadrilhas.

José Luciano tem culpas, grandes culpas. Grandes responsabilidades. Ninguem as nega, porque seria uma mentira, uma affrontosa injustiça, nega-las. Mas são as culpas e as responsabilidades do Teixeira de Sousa. Mas são as culpas e as responsabilidades do Alpoim. Mas são as culpas e as responsabilidades do Affonso Costa. Mas são as culpas e as responsabilidades do Ressano Garcia, do Centeno, do Moreira d'Almeida, do José d'Azevedo, do Cunha e Costa, de toda a infamissima garotada, de toda a vilissima malandragem, de toda a repellente e asquerosa canalha politica. Com uma differença unica: por peor que seja José Luciano, José Luciano é melhor que elles todos.

Elles não combatem José Luciano ladrão, como lhe chamam, porque se José Luciano é ladrão muito mais ladrões são elles todos. Elles não combatem José Luciano creador ou protector de bandidos, porque, mais do que José Luciano, criam elles e protegem elles bandidos. Elles combatem José Luciano porque José Luciano é o maior estorvo á satisfacção das suas ambições. E' isto! Só isto! Que caia ámanhã o governo e nunca mais, nenhum d'elles, falará no Credito Predial, isto é: na virtude e na justiça offendidas!

A maior vergonha d'esta terra, a nossa ignominia, a nossa grilheta e a nossa tumba, não está no facto de José Luciano ser ladrão, como pretendem os seus adversarios. Está em lhe chamar ladrão o Teixeira de Sousa, o Alpoim, o Moreira d'Almeida, o Centeno, o José d'Azevedo, o Affonso Costa, o Cunha e Costa, o França Borges, o Ressano Garcia, a peor malandragem politica.

A maior desgraça portugueza não é ser mau o José Luciano. E' derriba-lo em nome da moralidade publica o Teixeira de Sousa e amanhã, em nome da moralidade publica, ir o Teixeira de Sousa ao poder.

Essa é a nossa ignominia! Essa é a nossa desgraça!

Ladrões descarados, penitentes e confessos, nunca deshonraram nem perderam um paiz. Quem o deshonra e o perde são os ladrões de virtude, a sentenciar como juizes.

O Credito Predial, e tudo quanto se faz e quanto se diz a proposito do Credito Predial e em volta do Credito Predial, só mostra uma coisa: que quem tinha carradas de razão era o homem contra o qual tudo ahi se revoltou e cujo nome ainda hoje não é pronunciado sem se injectarem os olhos de sangue a todos os bandidos. João Franco. Quem tinha razão, era esse!

E' o que mostra tudo o que ahi se diz, tudo o que ahi se faz, tudo o que ahi vae. E mais alguma coisa, e mais isto: que foi um desastre João Franco não ter sido um dictador a valer. João Franco não soube ser dictador. Infelizmente! Foi um desastre. E um irremediavel desastre. De que não tornaremos, mais, a levantar cabeça.

Tudo o que ahi se diz, tudo o que ahi se faz, tudo o que ahi vae só mostra irrefragavelmente que João Franco e D. Carlos commetteram o erro tremendo, o crime imperdoavel de não terem fuzilado metade dos profissionaes da politica, mandando para Timor a outra metade. Não o fizeram. Patetas, que morreram pelo coração passando como tigres! Não o fizeram. E elles mataram o rei, tornaram execrando o nome de João Franco, e, sobre o cadaver d'um e a reputação do outro, ficaram a tripudiar, impando de bondade e de virtude. Elles, os bandidos!

Uma troça, que nos offende mais que o proprio crime. Uma burla indecorosa. Uma affronta, que nos faz subir ao rosto o sangue, d'indignação e de vergonha.

E agora?

Toda a gente séria e honesta d'esta terra pedirá, não tarda nada, voz em grita, uma dictadura cem vezes peor que a dictadura João Franco, se, mesmo abusando do termo, é possivel chamar dictadura ao que, nos ultimos mezes do seu consulado, fez o chefe do franquismo.

E agora? Succede ao ministerio progressista um ministerio sahido d'essa colligação torpe de bandidos, que ahi estoira de pudor a clamar virtude?

Basta encarar o espectaculo que offerece n'este instante a politica portugueza para concluir, quem tenha um boccado de tino e de consciencia, que só uma terrivel dictadura poderá, ainda, salvar isto. Só uma terrivel dictadura, exercida pelos poucos que, quiçá, se conservam impollutos n'esse tremedal immundo da politica.

Mas, de momento? Que fazer, de momento? O que vae fazer o rei, em cujas mãos está, por instantes, o destino d'isto tudo?

Em volta do rei agita-se, como sempre, o espectro do medo. Ha dois annos que se faz em volta d'elle a especulação do medo. Mettem-lhe medo! Falam-lhe na morte do pae, a cada passo! Acenam-lhe, a todo o instante, com o exilio! E' o que leio nas gazetas regeneradoras e nas gazetas dissidentes.

O rei terá medo? Não sei. Mas sei que não ha peor conselheiro que o medo. Sei mais: sei que chegou a hora extrema dos actos decisivos. Nem mais um momento de indecisão! Ou está tudo perdido.

Os campos parecem confusos. Comtudo, estão mais que nunca delimitados. Mais que nunca definidos. D'um lado, como *pivot*, o partido regenerador. Do outro lado, como *pivot*, o partido progressista.

O partido regenerador a fazer causa commum com dissidentes e com republicanos, o que basta para o condemnar como partido constitucional e como partido de governo. Elles falam na inconstitucionalidade do rei. Ainda falaram n'ella, ha dias, a proposito de terem ido ao Paço os tres ministros que no ministerio se offereciam como os mais covardes ou os mais accommodaticios. Como se houvesse nada mais inconstitucional do que elles!

O partido republicano nunca foi entre nós um partido d'evolução, como o tem sido na Italia, e como o partido do trabalho e o partido socialista o teem sido na Inglaterra e na Allemanha. Negou-se sempre a collaborar com a monarchia nos planos geraes de progresso e de fomento. Sempre! Proclamou sempre a *intransigencia* como seu unico processo politico. Sempre! Apregoou sempre a revolução, e a revolução immediata, inadiavel, urgente, como seu unico objectivo. Sempre! Nunca teve senão um meio: excitar paixões, açular maus instinctos, desmoralisar, anarchisar. E nunca teve senão um fim: derribar. Bastaria isso para que nenhum partido monarchico podesse, constitucionalmente e dignamente, ter entendimentos com elle. Partido que o fizesse, excluia-se, a si proprio, da constituição; affastava-se, expontaneamente, da rotação governativa.

Mas alem de partido da desordem, o partido republicano tornou-se, com a tragedia do Terreiro do Paço e com o que veio a seguir-se, partido do crime. Os dissidentes ainda poderão guardar as apparencias de não terem sido os auctores d'aquelle crime. Os republicanos, não. A sua participação na tragedia ficou provada, provadissima, com a apologia calorosa e constante do regicidio e com a enthusiastica apotheose dos regicidas. Provadissima!

Mas não é tudo. Não tendo sido a morte do rei um crime individual, mas um crime collectivo, não tendo sido um producto da exaltação de qualquer dos chamados *inimigos da sociedade*, mas d'uma conspiração sahida dos *partidos da ordem*, dos *partidos burguezes*, esse crime excedeu em horrores todos os crimes commettidos, até hoje, pelos anarchistas. Porque o plano, evidentemente, era matar *uma familia toda*. Os grupos d'assassinos, que esperavam o cortejo real no seu longo percurso do Terreiro do Paço ás Necessidades, não visavam só o rei. Visavam tudo. A resolução tomada pelo partido republicano, para ascender facilmente ao poder, *era matar tudo*. No Terreiro do Paço foi morto o rei, foi morto o principe real, e foi ferido o infante D. Manuel. Ahi não se poude fazer mais. Mas se o cortejo não entra no Arsenal, pelo caminho *fazia-se o resto*. Era morto o infante D. Manuel, era morto o infante D. Affonso e era morta, *por ser beata e não haver perigo de complicações com a França*, a rainha D. Amelia. Só escapava, *por não ser beata e por causa das complicações com a Italia*, a rainha Maria Pia.

Depois d'isto, o que representava uma alliança, um accordo, um entendimento, entre um partido monarchico e o partido republicano? Representava um attentado constitucional, um aggravo ao rei, um affastamento da monarchia. Partido monarchico que tal fizesse, excluia-se, voluntariamente, do poder.

Foi o que fizeram os dissidentes, tendo com os republicanos mais do que accordo: alliança amiga, apertada, intima. E foi o que fez o partido regenerador, mantendo com os dissidentes alliança e com os republicanos entendimento.

Portanto, d'um lado está o partido regenerador com todos os elementos da desordem e do crime. Do outro lado está o partido progressista, mais forte, mais prestigioso, mais unido, apesar de tudo, e apoiado pelos unicos elementos monarchicos que restam no paiz: os nacionalistas e os franquistas.

E' certo que os homens sérios veem com má vontade, com maus olhos, todas essas vergonhas do *Credito Predial*. Mas é certo, tambem, que nenhum deixa de reconhecer que essas porcarias são um producto inevitavel das quadrilhas, que se produziram sob a gerencia do sr. José Luciano como se produziriam e produzirão sob a gerencia de *qualquer outro*, e que os que estão a berrar contra José Luciano, chamando-lhe ladrão, teem feito e farão muito peor do que elle. E, assim, tendo d'acceitar, momentaneamente, um mal inevitavel, antes querem o mal que representa o partido progressista, actualmente no poder, do que o mal que representam as outras quadrilhas. Tudo quanto ha de forte e sério no exercito, no clero, nas classes conservadoras, prefere á situação republico-teixeirista-dissidente, a situação que domina actualmente.

Parece que é essa, tambem, a opinião do rei. Pois se o é, e o rei vae proceder n'esse sentido, procede ajuizadamente. Senão, fica sem ninguem. Sem os elementos de desordem, que serão sempre elementos *de desordem*, exclusivamente, por mais *papa* que lhe deem, e sem os elementos d'ordem, que voltarão, desgostosos, as costas a tudo isto.

Que besta!

Sob o titulo *Um bom padre*, escrevia o pulha do Margarido, no sabbado passado:

Dizem-nos correligionarios de Alcantara que o prior da freguezia realisa predicas em que vae insultando conforme póde os republicanos. Agora fez affixar no guarda-vento da igreja grandes *placards* com esta palavra unica —*Silencio!* Padre Marques, ao que se vê, procura merecer as boas graças da malta reaccionaria.

Jules Huret, anarchista intellectual, ou pouco menos, escreve no seu bello volume *Rhin et Westphalie*, falando do respeito e da disciplina que se mantem em tudo na Allemanha:

Le curé, le pasteur savent aussi se faire obéir. Le curé de l'église des Minorites, à Cologne, voit un jour entrer des paroissiens au moment où il commençait son sermon, et il les interpelle:

— Prenez-vous la maison de Dieu pour une auberge où on peut entrer et sortir à volonté?

Pendant un sermon, un paroissien qui le trouvait un peu long regardait sa montre et marmottait à voix basse quelques paroles. Un de ses voisins s'approche et lui dit:

— Si vous continuez, je vous prends au collet et je vous mets à la porte.

N'um outro livro, tão interessante como o que fica citado: *De New-York à la Nouvelle-Orléans*, Jules Huret observa o rigor com que n'algumas das grandes cidades da America, Boston, por exemplo, é prohibida a venda de bebidas alcoolicas ao domingo, *ou même dans la journée si l'endroit où il* (voyageur) *se trouve est situé à moins de cent mètres d'une église ou d'une école*. Mas ahi, em Boston, como aliás na Allemanha, o silencio não é mantido só na egreja. E' em toda a parte, mesmo na rua.

Mon deuxième étonnement, ç'avait été à Boston, quand on me montra, affiché au beau milieu d'une avenue, un règlement imprimé de la municipalité, **où il était défendu de parler haut dans la rue, de rire et de siffler.**

Isto na livre America. Na *grande republica*, como proclamam a toda a hora os quadrilheiros do Bombardino e do Affonso Costa!

Na Allemanha, se não se faz o mesmo na rua, vê-se n'ella o mais absoluto respeito, a ordem mais rigorosa e completa, e no theatro, por exemplo, succede como na egreja.

Au théâtre, (livro citado—*Rhin et Westphalie*) *c'est la même chose. Personne ne bouge, personne ne dit mot, même dans les music-halls. On n'est pas là pour parler, mais pour écouter.*

Assim se faz n'esses grandes, livres, civilisados e progressivos paizes. A propria *desordem* da França não tem comparação nenhuma, *nenhuma!* com a nossa desordem. Aqui é um bando de machos bravos á solta. Unicamente! Supponham que tiram a albarda e o freio a machos da peor raça e que os deixam á dentada e aos coices por essa patria alem. Pois é tal e qual este bello povo portuguez . . . em *libardade!*

A *libardade*, entre nós, deu isso. Não deu mais nada. Chegou-se ao desaforo de se dizer que um padre *procura merecer as boas graças da malta reaccionaria* porque na sua egreja impõe . . . silencio!

Que bestas! Que bestas! E ha quem vocifere contra nós porque pedimos constantemente chicote para estas bestas!

Pois como se levam bestas? Como se ensinam bestas? Quem dominou, jamais, machos bravos d'outra forma?

Chicote, mas muito chicote. Chicote a cahir. E com essa *democracia*, e meios educativos d'outra natureza, é que estes canalhas hão de apprender a ser homens e a ser livres.

D'outra forma, não vão lá!

Cabrito engana-se

Diz na *Lucta* Cabrito Macho:

O sr. conde de Samodães, que para a edade que tem ainda se mostra muito lucido, diz que o sr. D. Manuel quer que o governo seja forte.

Claro está que o sr. D. Manuel não quer semelhante coisa, como não quer o contrario; mas o sr. conde attribue-lhe aquelle desejo, e não está nos usos e costumes vir o chefe do Estado á imprensa rectificar ou ratificar o que se diz a seu respeito.

Governo forte! O sr. D. Manuel sabe muito bem que foi um governo forte, teso, como o desejava o reaccionario sr. conde, que o fez rei, fazendo-o orphão.

Cabrito engana-se. Foi um governo fraco e bem fraco, ainda que querendo apparentar de forte, que fez D. Manuel rei, fazendo-o orphão. Se fosse forte, teria metralhado nas ruas, durante a noite de 28 de janeiro, a *grrrande legião revolucionaria;* teria feito fuzilar, *sem responsabilidades*, no elevador do Pelourinho, quartel general da revolução, o celebre toureiro de inverno, de barbas cortadas, não para descer ás ruas a arriscar a pelle, mas para se pôr a salvo; teria agarrado em todos os chefes redemptores — á excepção de Cabrito Macho para o qual bastariam dois açoites, e a prova é que esteve mudo e quedo como um penedo emquanto viu pelos ares a trovoada — e pespegava com elles em Timor. E, depois, poderia o rei D. Carlos dormir somninhos descançado.

Enganas-te, Cabrito Macho! Foi um governo fraco e não um governo forte que, fazendo D. Manuel rei, o fez orphão!

Simples perguntas

A instrucção do processo do regicidio é secreta ou não é secreta?

Podem os individuos, chamados a depôr como testemunhas, vir cá para fóra contar na imprensa o que se passou, a seu modo, achincalhando ainda por cima o juiz?

Isto tem um intuito manifesto: pôr de sobre-aviso outros individuos, prevenil-os, ensinar-lhes o caminho a seguir. Mas o peor é que demonstra, mais uma vez — unico motivo que nos leva a falar no caso — um espirito de desrespeito e de desordem que confirma toda esta anarchia vergonhosa em que viveremos.

Quando acabará isto, esta pouca vergonha, esta choldra, que nos envergonha aos olhos dos povos cultos? Quando, para bem de monarchicos e de republicanos?

JUSTIÇA

Ao glorioso directorio republicano

Recebemos o seguinte bilhetinho, que submettemos á alta apreciação do glorioso directorio republicano:

Conheci a Margarida das Flores ha 11 annos. N'essa epocha era uma esbelta mulher, pois estava na pujança da vida. Devia ter 32 a 35 annos e ganhava rios de dinheiro — por ella e pelas companheiras, dinheiro que o «Mundo», o França Borges e collegas d'este, absorviam quasi por completo.

Todas ou quasi todas as noites, a Margarida mandava a ceia pr'a toda a canalha da redacção, que era então na Praça de Camões, e ia ella, com as pupillas disponiveis, ou só. Alem d'isso, tratava-lhe da roupa branca, ao França.

A Margarida, apesar do seu odioso mister e da falta de educação, tem optimo coração e boas qualidades, tanto assim que não obstante a sua actual falta de meios nem «um real» pede ao França. A Emilia, essa . . . toca-lhe corneta, e quando fala d'elle, aos amigos ou amigas, chama-lhe—«O Caiphás». E custa-lhe mensalmente... 250$000 reis.

Chamamos a attenção do nobre directorio para esta falta de . . . solidariedade. A solidariedade, em radicalismo revolucionario, é o antidoto do egoismo, da exploração, da especulação, da ingratidão. Ora esse abandono da Margarida representa da parte do França uma grande maroteira. O directorio tem o dever de reparar essa iniquidade. E pelo mais simples dos motivos. E' ou não é o França peanha democratica? E' ou não é o *Mundo* o primeiro baluarte da republica em Portugal? Ora nem França, o rufia, existiria, nem o seu *Mundo*, mesmo que esta gazeta usasse, á data, d'outro nome, sem o generoso auxilio da pobre Margarida.

Logo directorio, como legitimo governo da republica, e uma vez que já abriu, para creaturas de muito menos serviços *á causa*, o exemplo, está no rigoroso dever de dar uma pensão á Margarida, hoje que, velha e cançada, já não pode . . . fornecer mais rufios á republica.

Ahi fica o requerimento. E esperamos receber mercê.

Mata...

E' o grito geral, contra José Luciano, dos virtuosos cidadãos opposicionistas.

Ora admittamos o peor contra o infeliz governador do Banco Hypothecario. Eu só pergunto: é elle o unico responsavel? E' elle o unico ladrão?

Os homens das gazetas, os que se reuniram na *Associação dos Lojistas*, os politicos, emfim, não indicam outro. Nem sequer o Quintella! Nem sequer o Talone!

O Quintella é ladrão? O culpado não é elle: é José Luciano de Castro! O Talone é ladrão? O culpado não é elle: é José Luciano de Castro!

O Quintella era um homem honrado. Pobre Quintella! Quem o fez ladrão foi José Luciano de Castro. O Talone era um homem honradissimo. Pobre Talone! Quem o fez peccar foi José Luciano de Castro. E tanto que José Luciano de Castro até n'uma carta publica, isto é, que já corre mundo, declarou ter plena confiança no Talone. Tinha confiança no Talone? Paga, José Luciano, a confiança que no homem deposit iste!

Assignava a carta, com José Luciano, Eduardo Burnay e J. A. de Souza Rodrigues. Mas o culpado de Eduardo Burnay e de Souza Rodrigues terem assignado a carta é José Luciano de Castro. Pois Eduardo Burnay tambem depositou confiança no Talone? Morte a José Luciano, que fez com que o Burnay depositasse confiança no Talone! Pois Souza Rodrigues ousou suppor o Talone um homem honrado? Morte a José Luciano, que fez com que Souza Rodrigues ousasse suppor o Talone um homem honrado!

Ninguem, a não ser a policia, accusa o Quintella. Ninguem, a não ser a policia, accusa o Talone. José Luciano de Castro é o unico culpado.

Ninguem fala, a proposito da confiança depositada no Talone, em Souza Rodrigues ou Burnay. Fala-se mas é em José Luciano de Castro.

No Credito Predial não havia só governador. Havia vice-governador, conselho fiscal, thesoureiro, guarda-livros, continuos, porteiro, o diabo a sete. Pois José Luciano paga por todos! Não se grita contra mais ninguem! Não se pede processo contra mais ninguem! E' contra José Luciano de Castro!

José Luciano nem sempre exerceu, certamente, as funcções de governador. Foi muitas vezes presidente do conselho. E durante esse impedimento deveria ter sido substituido no Credito Predial. E' o mesmo! José Luciano paga pelo que fez e pelo que não fez. Ou antes, elle fez tudo, mesmo quando . . . não fez nada!

Que grande sucia de malandros! Que grande corja de bandalhos!

Porque, repetimos, admittamos tudo contra José Luciano de Castro. Tudo, que é a melhor hypothese. Supponhamos que roubou. Que prevaricou. Que encobriu. Que apadrinhou. E' admissivel, é possivel, cabe na cabeça d'alguem que fosse elle o unico *ladrão*, o unico *criminoso*, o unico com serias responsabilidades?

O unico dos politicos, é claro, que exerceram cargos no *Credito Predial*. Não nos referimos aos empregados que não pertenciam á politica ou que não passavam, nos partidos, de figuras apagadas.

Foi elle o unico? Não. Então é quanto basta para provar a infamia dos seus accusadores. Isto é, que os não guia nenhum espirito de justiça, nenhum motivo de verdade. Que querem vingar no homem publico aggravos recebidos, ou as difficuldades que lhes levanta e os embaraços que lhes move.

José Luciano será muito mau, e tem, realmente, culpas muito grandes. Mas eu só creio que é tão mau como o pintam quando me demonstrarem que foi elle o creador do Centeno, do Affonso Costa, do José d'Azevedo, do Cunha e Costa e de toda a magna caterva do famoso bloco.

Então, sim.

Creou-os a elles?

Mata, diremos nós tambem. Mas não os creou? Então a sanha dos miseraveis só prova que José Luciano, ao pé d'elles, e apesar de tudo, ainda é um benemerito.

Tem faltas. E faltas graves. Mas, velho, doente, com os pés para a cova, entrevado, ainda se impõe pelo supremo merito de ser um combatente, um luctador, um formidavel inimigo dos grandes miseraveis.

Quando se descobriu que José Luciano *era ladrão*, já estava descoberto ha muito que o era o Affonso Costa, o Cunha e Costa, tantos outros que, pela ordem chronologica, devem ser enforcados primeiro do que elle.

Aqui ou comem todos, como no sapateiro de Braga, ou não come ninguem. Suba primeiro á Rocha Tarpeia o Affonso Costa, o Cunha e Costa, o Alexandre Braga, o Centeno, o José d'Azevedo, o Ressano Garcia e tantos mais. E, depois, que suba José Luciano.

Então, sim. Fica a justiça satisfeita.

Dissolução

Abriram-se as camaras e com ellas apparece na ordem do dia o problema da dissolução.

Já aqui dissemos, ha quatro semanas, o que entendiamos a tal respeito.

E' deploravel, profundamente deploravel, que as camaras tenham de ser dissolvidas por causa do tal *pau de bater beefs*. Em parte nenhuma do mundo succede o que succede na camara portugueza. Os arruaceiros, que tudo sophismam, que não teem o menor escrupulo em mentir, repetidas vezes procuram justificar os tumultos da camara portugueza com *analogos* tumultos das camaras extrangeiras. Ora não ha comparação possivel.

Lá fóra surgem nas camaras, é certo, de quando em quando, graves conflictos. Mas, primeiramente, em cima de questões publicas d'alto valor, d'aquellas que justificadamente apaixonam um paiz todo e não das que nem chegam a apaixonar, como entre nós, os corrilhos, e que são expressamente inventadas e avolumadas só para deitar ministerios a terra. Segundamente, são casos excepcionaes; não são casos habituaes, propositados, persistentes, arvorados em processo, como aqui.

Esta é a differença. Differença capital, que constitue o odioso da camara portugueza.

Mas porque é essa differença? Vem do nosso inveterado espirito de desordem? D'especulação e de desordem? Manifestamente. Mas pela impunidade em que ficam sempre os desordeiros.

Em parlamento nenhum do mundo se admittiria o processo de deitar abaixo ministerios por meio d'arruaças. Nos parlamentos extrangeiros ha excessos. Onde ha homens, ha paixões. E as paixões, ruins conselheiras, irrompem a cada passo em excessos de toda a natureza. Mas o que não ha é o processo systematico, *politico*, da arruaça como meio de deitar abaixo ministerios. Isso, não o consentiria nenhum governo, nenhuma maioria parlamentar, nenhuma imprensa, a opinião publica, em qualquer d'esses grandes ou pequenos paizes constitucionaes, se porventura n'elles apparecessem minorias dispostas a adopta-lo. Apparecem, teem apparecido em Portugal, porque em Portugal se estabeleceu o deploravel costume de responder ás desordens parlamentaros com *dissoluções*, em vez de lhes responder com as energicas repressões que as leis permittem.

No tempo de D. Carlos, camara que fizesse duas, tres arruaças repetidas, era camara dissolvida, ou estivessem no poder regeneradores, ou estivessem progressistas. Era um systema desastroso, pois alem das perturbações, desmoralisações e despesas que acarreta sempre uma eleição, alem de não se admittir o processo da dissolução como *moeda corrente* em politica, sempre um attentado aos principios constitucionaes, a impunidade dos arruaceiros era um precedente terrivel. E tão terrivel que ahi o temos agora arvorado em regulador de toda a nossa vida politica. D. Manuel mostrou e accentuou o proposito de não dissolver as cortes. Prompto. Ficaram todos os ministerios á mercê . . . *do pau de bater beefs.*

Póde lá ser? E' mais uma das nossas grandes vergonhas. E' peor que tudo. O que o governo tinha a fazer — fomos nós o primeiro a dize-lo e depois vimo-lo, com prazer, repetido — era applicar aos arruaceiros rigorosamente o regimento. O regimento da camara não permitte a entrada da tropa na sala das sessões? Permitte. Então a tropa entra na sala das sessões tantas vezes quantas sejam precisas para expulsar os que se tornam indignos do nome de representantes do povo. Porque o povo não deu a ninguem o mandato, e ninguem se atreveu a pedir-lho, de fazer impunemente, no *seio da representação nacional*, o que não é permittido fazer-se nos mercados ou nas ruas.

Os arruaceiros são dez, vinte, cem? A força armada ainda pode bem com dez, vinte ou cem arruaceiros, ainda que elles se digam ungidos da soberania popular ou do Senhor. Fóra com elles. A bem, ou a mal. Ou elles obedecem, ou vão á força.

O ministerio que ahi está, porem, não é para isso. Se o fosse, tudo era facil. Mas parece-nos que não é para isso. Depois, ainda que o seja, sendo as opposições, como são, muito numerosas, pode, por mais energia que tenha o presidente da camara ou a maioria, falhar o expediente. Tente-se. Ha todas as probabilidades de que não falha. E falhe ou não falhe, não pode deixar de se tentar. E' um dever. Cumpra-se a lei. Mas pode falhar. E, n'este caso, chegou o momento do ministerio pôr á prova a confiança da corôa.

A esse respeito dissémos já, tambem, o que sentiamos.

Se o ministerio recorrer a esse expediente, a dissolução é fatal. E' bom que não recorra. E' um bello exemplo, é mesmo uma necessidade, applicar o regimento, e em nome da ordem, tão profundamente abalada, e que tão urgentemente precisa ser restabelecida, exhortamos o ministerio a applica-lo. Se o ministerio tiver energia e coragem, estamos certo de que não será preciso ir ao Paço reclamar a intervenção da corôa. Mas se este recurso se tornar indispensavel, então a dissolução é fatal, porque se o rei a não der aos progressistas, tem de a dar aos regeneradores.

Um ministerio nephelibata, em vesperas d'eleições, é impossivel.

N'esse caso, não ha que hesitar.

A dissolução pertence, de direito, aos progressistas. Por todos os motivos.

O partido regenerador que se emende dos seus erros. Fe-los? Pague-os. Não ha de ser o paiz, nem a ordem publica, que os ha de pagar.

Pague-os!

Isto dizemos nós porque era o que fariamos se estivessemos no logar do rei.

Não pertencemos a nenhuma facção, não obedecemos á influencia de nenhuma! A nossa politica é clara. Nós somos abertamente contra a desordem, a indisciplina, a anarchia das ruas e do governo. Ora essa anarchia é hoje representada pelos regeneradores, dissidentes e republicanos, alliados.

Somos abertamente contra elles, porque a primeira e mais urgente necessidade n'esta terra, e nesta hora, é, para a industria, para a agricultura, para o commercio, para o bom credito do paiz, para tudo, restabelecer a ordem em bases solidas.

Essa é a nossa politica, adquirida pelo estudo, pela experiencia, pela edade. Já fomos partidario, em absoluto, dos meios suasorios. E bem sinceramente, como sempre. Mas quem nos abriu os olhos, quem nos accordou, quem nos ensinou, foram elles, os *libaraes*. E vimos com espanto que em logar d'estarmos mettido com homens e com *democratas* estavamos mettido com bestas, e bestas bravas, que pedindo impunidade, inteira impunidade para si, só davam e receitavam tapona para quantos lhes iam á mão, os contrariavam ou lhes desagradavam. Então haja tapona, e tapona de cahir.

A' jarra! A' jarra!

Esta é hoje a nossa divisa. E foram elles, só elles, que no-la fizeram adoptar.

A' jarra, á jarra, el-rei D. Manuel! Senão está perdido. Fie-se no canto da sereia, e nas lagrimas do crocodilo, como nós já nos fiámos, n'essa cahimos — mas a Cascaes uma vez e nunca mais — e verá o que lhe acontece.

A' jarra! A' jarra!

E quem o diz, repetimos, não obedece a facções nem a ninguem, digam lá os bandidos o que quizerem. Obedece só ás licções da vida, á sua intelligencia e ao seu criterio.

Redea tesa e espora direita, é o primeiro mandamento de governo n'esta terra de selvagens.

O mal nunca foi dar. Foi dar pouco! Ahi é que esteve o mal.

Faltou o resto...

Diz Alpoim, na *sua* ultima carta para o *seu Janeiro*, referindo-se á sessão da camara dos pares em honra de Eduardo VII:

"O discurso do sr. dr. João Arroyo foi admiravel. O seu estudo sobre Eduardo VII, como diplomata, foi d'um brilho extraordinario! Referiu-se depois, quasi no fim do discurso, ás suas qualidades de rei liberal, mostrando como elle não era um soberano de "cotteries„ ou de favoritos, e como o paço de Inglaterra era um palacio real em que moravam a seriedade e a compostura, o respeito por todos os homens publicos, não havendo ostracismo. Esta parte teve, tambem, um grande alcance„.

Esta parte teve, tambem, um grande alcance! Devia ter.

Mas olhe lá, Alpoim, porque morava a seriedade e a compostura no palacio real d'Inglaterra?

Porque nunca lá entraram ministros que roubassem tapetes, azulejos e pannos d'Arrás!

Olhe que esta parte, Alpoim, tambem tem um grande alcance!

Diga ao Arroyo que accrescente, e está exacto.

Livros

Estão ha muito em nosso poder varios livros, cuja offerta não temos noticiado nem agradecido, por termos estado sempre á espera de tempo para os ler e devidamente apreciar. Infelizmente, ainda não tivemos tempo para isso.

Ultimamente recebemos *Angola*, do distincto official d'artilheria e honrado patriota Henrique de Paiva Couceiro, *Le Portugal Inconnu*, por Léon Poinsard, um bello numero de *La Science Sociale*, e *Julio Diniz*, ineditos do grande escriptor, offerecidos pelo sr. Gomes Coelho.

Agradecemos e vamos ler.

Não ficaremos em palavras vans. Vamos ler uns e outros, estes e os anteriormente recebidos, e, como é de justiça, apreciar.

Mente, seu malandro!

Dizia quinta-feira o infamissimo *souteneur*:

— *Que quem lê o* **Diz-se** *bem sabe que encontra sempre n'elle informações absolutamente exactas.*

Mente, seu malandro, seu infamissimo malandro! Seu prostituto vil!

Você disse, seu gatuno, que tinha sahido dinheiro do Paço dos Navegantes para o *Povo de Aveiro*. Você disse, *maître chanteur* ignobil, que o Paço dos Navegantes nos tinha arranjado, a troco da nossa ultima attitude, numerosas assignaturas. Você disse, seu rufio, abjecto rufio, sujo maltrapilho, que o havia de provar. O que provou você, reptil nojento, dez vezes inferior em dignidade, em brio, em pudor, á desgraçada Margarida das Flores, a todas as mulheres que o tiveram por conta, que o compraram, que o alugaram d'alma e de corpo?

Asqueroso lacrau! Osga peçonhenta!

Se ha nada que prove mais a decadencia d'esta terra, a vileza d'esta raça, a morte d'esta nacionalidade, que esse facto estupendo de se erguerem ahi, a falar em *democracia* e a apregoar virtude, verdadeiras figuras de alcouce, de galés, os mais ignominiosos, os mais repellentes, os mais hediondos prototypos do vicio e do crime!

E é tudo! Não é um, nem dois. E' tudo! Salvo meia duzia de homens que ficam esmagados, esses mesmos, sob a immoralidade, a prostituição, a vileza, da mais repugnante camaradagem, da mais baixa solidariedade, a que uma creatura de fraquissimo caracter se poderia submetter.

No partido republicano portuguez não se salva ninguem. Ninguem! E' o vomito d'uma nacionalidade a desfazer-se. E' o vomito d'uma raça apodrecida. Nas vascas da morte, alcoolisado, chagado, coberto d'ulceras syphiliticas e de mazellas putridas de toda a casta, infectando o mundo, este povo vomitou. E a esse vomito d'agonia, pestilento como o corpo e a alma donde vinha, chamou-se o partido republicano portuguez.

São *souteneurs*, são gatunos, são escrocs, são ladrões, são assassinos, são bebedos, são caloteiros, são vadios, cavalheiros d'industria, tudo. Tudo. E' que tudo, tudo!

Nas altas ou nas baixas camadas. Nos elegantes salões ou na gallegada das esquinas.

A par de Chagas, *souteneur* intellectualisado, o rufio bestial do França Borges, alugando-se a mulheres de má nota como o ultimo d'esses malandros que esfaqueiam qualquer ao voltar d'uma esquina. E se elle os não esfaqueia na rua, porque é covarde, esfaqueia-os todos os dias na gazeta, continuando, duplicado em infamia, os processos do seu antecessor, o saudoso, o quasi honesto Palma Cavallão.

Ao lado do ladrão estoira-vergas que se chama Affonso Costa, ladrão á antiga portugueza, afóra a coragem, o ladrão salta-pocinhas, pardal sem rabo, que se chama Cunha e Costa.

Arthur Leitão é rocambolesco. Capaz de tudo. Padua Correia é gatuno e assassino de forma delicada. Rouba carteiras de senhoras e usa pillulas ou liquidos para matar em segredo. Ao lado do Borracho, bebedo bravo, o Alexandre Braga, bebedo manso. Ambos capazes de todos os vicios e de todas as torpezas.

Djalme, falsificador e martyr. Ribas d'Avellar, falsificador e benemerito.

Emfim, é tudo. Tudo! Ao pé de uma galeria enorme de malandros classificados, carochas chupadinhas de virtude, como Bazilio Telles, Compadre Ginja e Cabrito Macho. Os que não vão á vinha, ficam ao portal. Os que não officiam de pontifical, encolhem-se, e ajudam á missa.

Um povo que n'um dos momentos mais criticos da sua historia, que n'uma das phases mais dolorosas da sua existencia, produz, *reagindo*, homens de tal natureza, dá origem, *indignando-se*, a um partido de tal ordem, é um povo anniquilado, exanime, apodrecido. Chamem-nos má lingua. Mas é uma grandissima verdade, isto que estamos dizendo.

Voltemos, porém, ao França Borges. A esse miseravel, que só n'um paiz d'estes, e n'um partido como aquelle que se propõe *restaurar a virtude*, poderia ser jornalista e estar á frente d'um jornal.

Você tinha uma maneira facilima, alma de sapo, de provar que o *Povo de Aveiro* recebia dinheiro do Paço dos Navegantes, como você os recebeu do Leandro, e os tem recebido, para negocios escuros e acções infames, de todos os traficantes. Era vir ou mandar examinar esta escripturação. Era proceder áquelle inquerito que lhe propozemos e a que nós, de boamente, nos prestavamos.

O Paço dos Navegantes comprou-nos por assignaturas ou dinheiro, a fim d'estarmos ao lado d'elle na questão do Banco Predial? Você vinha ver. Via as nossas assignaturas, via a nossa tiragem, via a nossa receita e despeza, inqueria tudo, perguntava tudo, e nós, sem hesitar, a tudo lhe respondiamos. A tudo! A tudo! Ao inquerito mais rigoroso nos prestavamos.

Pois você anda ahi sempre a pedir *inqueritos* e rejeitou este inquerito que tão espontaneamente lhe offerecíamos? Que melhores elementos queria você para provar a nossa venda e nos fulminar?

Quem foi o emissario que aqui veio, bandido?

Pois você a nada responde, e ainda se atreve a dizer no canudo, embora sem referencia a esse ou outro caso, mas de forma generica: *Quem lê o* **Diz-se** *bem sabe que encontra sempre n'elle informações absolutamente exactas?*

Calumniador infame!

Grande canalha!

Grande bandido!

CALIENTE...

Já amansou! O Marinha de Campos já amansou! Não ha nada como por-lhes a barbella!

Começa assim o seu ultimo artigo na *Corneta:*

Póde-se não ser monarchico em Portugal e não ter odio ao monarcha português. E realmente aquelles que teem mostrado detestar as instituições em vigor não teem mostrado detestar do mesmo modo quem mais legitimamente as encarna.

Pelo contrario, o novo rei tem inspirado aos adversarios do principio que elle simboliza uma benevolencia e uma piedade que contrastam com a deslealdade e com a hipocrisia de que usam para com elle os que mais directamente veem influindo em todos os actos de rei.

Se lhe enterrarem bem a espora . . . volta outra vez a ser monarchico.

Digam lá que é má a nossa receita . . .

Digam! Digam!

Mais ainda não experimentaram!

O preço avulso do «Povo de Aveiro» é de 20 reis em todo o paiz.

CARTAS LISBOETAS

2 de junho

O que se tem escripto e dito, o que se tem passado em Portugal, depois que o rei D. Carlos foi assassinado, daria, com os seus indispensaveis commentarios, umas poucas de boas, de interessantes paginas da historia politica, de historia que, escripta com imparcialidade, por um homem que soubesse respeitar a sua dignidade de escriptor, sem receio dos odios das facções, das diffamações faceis de jornaliqueiros pouco escrupulosos, despresando os cantos de sereia de uma enganosa popularidade, constituiria um elemento de estudo muito apreciavel para a educação das gerações que chegam.

Foi um momento de confusão, esse que se seguiu á morte do rei, como poucos se rigistrarão na nossa historia. Como talvez nenhum outro possa ser nella apontado.

Os partidos politicos não sabiam para onde voltar-se e a confusão foi de tal naturêza que os orgãos monarchicos, esses sustentaculos do regimen na imprensa, nem se lembraram, no primeiro momento, de cobrir-se de luto. Ficaram á espera, a vêr se havia revolução, se *la journée du vingt huit* ainda de si daria alguma coisa.

Pois, então, se *aquillo* pegava, se o *gravatinha*, bem disposto de espirito e de estomago, tivesse o seu grande dia e o sr. Bernardino Machado a sua procissão, se o principe D. Manuel houvesse morrido, ou não quizesse saber mais deste paiz, dando um pontapé na corôa, atirando-a á cara d'aquelles que, depois de haverem mal-aconselhado, lisongeado, incitado seu pae, acabaram por voltar-lhe as costas, conspirando contra a sua vida, em que situação ficariam os referidos orgãos, que, tão imprudentemente, houvessem posto tarja negra?

Como entrariam esses jornaes no Paço das Necessidades, uma vez alli substituida a farda de um moço principe pela rabona circumspecta d'um velho conselheiro, a borla azul do sr. Bernardino Machado no logar do penacho branco do herdeiro de Bragança? Dizem-nos que esse facto, por si só, define a imprensa portugueza?

Queira perdoar quem de tal nos quer convencer. Não define coisa alguma, visto como a imprensa d'este paiz é apenas o reflexo do nosso estado mental como povo livre, como povo civilisado, como nacionalidade independente, porque a imprensa portugueza . . . não se define.

Não veja o leitor nisto má vontade contra os nossos jornalistas, pela simples razão de que não temos jornalistas.

Sem citarmos os nomes de muitos ratões que por'hi rabiscam em gazetas, dando-se ares de fazer jornalismo, fallando vezes sem conta na sua *profissão* percorramos — o leitor comnosco, se quizer — esses jornaes por esse paiz fóra, e onde encontramos os taes jornalistas?

E' bem verdade que vamos cada vez a peor. Que quando queremos arrebitar o nariz descanbâmos no ridiculo, e, digam o que quizerem, se assim continuamos, a derrocada é fatal.

A nossa imprensa, a santa, a nobilissima instituição, a tribuna! . . .

Ainda temos nos ouvidos certas palavras do sr. Brito Camacho, a proposito da imprensa dos coupons, uma sociedade de patriotas que se propõe ajudar a regeneração d'este paiz com a sua verborreia jornalistica.

Alli as temos, poderiamos trancrevê-las que, ás vezes, é de utilidade resuscitar certos papeis velhos . . . mas para quê?

Do valôr da nossa imprensa o leitor avalia . . . lendo as gazetas, do gôsto do nosso publico fará ideia quem comparar o insuccesso do *Debate*, do sr. João de Menezes, com o exito do *Mundo*, do sr. França Borges.

Teixeira de Vasconcellos e Sampaio quasi não tiveram successores. Latino, Rebello da Silva, Mendes Leal estão mortos. Chagas e Ennes tambem.

De Navarro e Mariano ninguem recolheu a herança. Quem guardou a penna de Dias Ferreira?

Tudo isso que para ahi ha, com rarissimas excepções de umas papeletas escriptas para os correligionarios, se consóme numa réles intriga de senhoras visinhas, numa suja, balôfa rethorica, ausencia de ideias, abundancia de asneiras, falta de grammatica, de auctoridade, de vergonha, uma verdadeira banca-rôta mental, uma authentica, inilludivel miseria moral.

Quando não mentem para servir os interesses de camarilhas, nem calumniam para abocanhar adversarios, fazem *chantage*, mas uma *chantage* pelintra, suja, descarada, uma *chantage* morda-fraca que mostra bem que mesmo no mal-fazer sômos um povo improgressivo e deploravel, miseravelmente atrazado.

Em Portugal está-se escrevendo muito, toda a gente tem a mania de rabiscar, mania que é tanto mais accentuada quanto menos se sabe escrever. Muita gente escreve em jornaes, ha mesmo muitos jornaes, o que não accusa progresso de especie alguma, diga-se. Ha homens que *escrevem bem*, com uma certa forma litteraria, mesmo com uma relativa elegancia, é certo, mas que possuam os complexos conhecimentos indispensaveis a quem se propõe orientar a opinião, criar uma opinião sobre os problemas politicos e sociaes de todos os dias que, lá fóra, são tratados na imprensa, em conferencias, em revistas, nos parlamentos — homens que alliem ao *saber escrever* o conhecimento profundo dos assumptos a tratar, isso não ha, creia que não ha.

Creaturas couraçadas moralmente, indiscutivelmente superiores, que não sejam fracas diante das exigencias de correligionarios, pusilanimes perante as chamadas conveniencias de politica partidaria, homens de vontade energica e espirito disciplinado e mentalidade cultivada, que conheçam e amem a sua profissão e respeitem o seu nome de jornalistas, pode v. apontar três, quatro, os que quizer, na certeza, porem, de que erra, porque nenhum d'elles, absolutamente nenhum possuirá o conjuncto de requesitos indispensave para ser um verdadeiro jornalista.

Sômos um paiz pequeno, seria velleidade, por certo, lamentarmo-nos pela falta d'um jornalista de pulso como aquelle Rochefort da *Lanterna* que ajudou a deitar abaixo o segundo imperio.

O nosso Rochefort seria, por exemplo, o sr. Cunha e Costa, e cahiriamos, mais uma vez, no ridiculo . . .

Na imprensa de Portugal só tem successo a intriga de senhoras visinhas, mais nada. A nossa imprensa não precisa de jornalistas.

E quando alguem, como o sr. Brito Camacho, por exemplo, não se envolve nos gloriosos combates de soalheiro, chamam-lhe incommensuravel vaidoso.

D'um lado os rhetoricos, do outro os massadores, nenhuns d'elles educando, nem rhetoricos impertinentes nem massadores intoleraveis.

Navarro e Marianno, com todos os seus defeitos, deixavam a perder de vista esses que para ahi exhibem, hoje, a sua pedanteria, e o publico deliciava-se com os seus expedientes jornalisticos, da habilidade litteraria de Navarro ou do humorismo chocarreiro de Marianno, de que esses dois homens sempre se serviram para triumphar no meio da parvoice, da crassa ignorancia nacional.

A' reserva dos jornaes correspondeu a indecisão, bem pouco patriotica, dos politicos.

Não era a consciencia a condemna-los, a dizer-lhes que haviam contribuido para a morte do rei, uns de uma outros de outra maneira, aconselhando-o mal, incitando-o a um governo pessoal, collocando-o acima da constituição, ensinando-lhe o desprezo pela lei — não era, não, o remorso a morde-los, a arripia-los, a tortura-los, a lembrança dos seus desvarios, das suas incoherencias, das suas negociatas, das suas traficancias . . .

Nada d'isso os incommodava. Nem as recordações d'um passado que, por sua culpa, pela sua inepcia, pela sua inconsciencia, pela sua vileza nos havia sido tão doloroso. Nem o temor de um futuro de perigos abrindo-se-lhes diante dos olhos esgazeados.

Era o medo do barrete phrygio, o receio de que se convertesse em realidade o tal passeio civico que levasse o sr. Bernardino Machado, do largo de S. Carlos ao palacio das Necessidades, era o medo da voz inflammada de certos tribunos de papelão, o receio ainda da gorada *journée du vingt huit*.

O almirante que presidiu ao conselho de ministros, logo após o regicidio, o disse em plena camara dos pares, por outras palavras, claro, a um official de cavallaria, a quem, no dizer pittoresco do sr. Brito Camacho, uma alta da montada fez ascender um dia aos conselhos da corôa.

Tendo a força publica do seu lado, sabendo que o exercito não se prestaria a aventuras que viessem perturbar a paz interna, que a *journée du vingt huit* pertencia, para todos os effeitos, aos dominios da historia, esses homens entreolhavam-se desconfiados, com medo da rua . . .

Então se constituiu o ministerio Amaral, com elementos dos *dois grandes partidos historicos* . . .

E' de hontem a historia anedoctica d'esse gabinete, mas nunca o sr. Amaral poderá ser desculpado de não haver deitado por terra, completando a obra de João Franco, imperfeitamente realisada e, n'esse ponto, inteiramente salutar, os traficantes politicos que, havendo preparado a morte de D. Carlos, comprometteriam, fatalmente, a orientação politica do inicio do reinado de D. Manuel.

Obrigaram o filho a renegar a obra do pae, assassinado havia dias, a esquecer o crime que lhe havia posto na cabeça a corôa.

Mas fizeram-no, ao menos, para entrar em caminho novo?

De modo algum. Continuou-se, continua-se, continuar-se-ha a mesma vida politica de expedientes.

João Franco fez uma experiencia de governo *á ingleza*. Obrigaram-no a sahir d'esse caminho, provocaram-no, excitaram n'elle o temperamento do politico faccioso de 96, abriram-lhe as portas da dictadura, mas, em dictadura, porque não era um estadista, teve de falhar, por sua vez.

Agora, anda por ahi o sr. José d'Alpoim, que tanto contribuiu para o desenvolvimento da reacção clerical no paiz, a fallar da democracia real italiana, a qual democracia real italiana não é bem o que sua ex.a diz, e muito menos o que a muitos ingenuos se affigura.

O sr. Alpoim nunca irá ao poder, mas se fôr, ou terá de transigir com os seus camaradas da *journée du vingt huit*, ou governar por si, contra os antigos alliados, e porque não é um estadista como João Franco não era, falhará, como João Franco falhou.

João Franco tinha um mau passado politico?

O sr. Alpoim não o tem melhor.

Fôra reaccionario João Franco, antes de vir apregoar o seu liberalismo nas sédes dos seus centros, em quatro annos de pregrinação politica pelo paiz? Não foi o sr. Alpoim um dos incitadores de D. Carlos ao governo pessoal?

Fizera João Franco reaccionarismo no poder? E não o fez o successor de Antonio Ennes no *Dia*, não o havia feito no *Correio da Noite*? Não collaborou na obra politica de José Luciano, não aconselhou como vantajoso para os interesses das instituições, e, portanto, em seu entender, do paiz, o afastamento dos republicanos da camara? Tenham paciencia os *liberaes* da Junta e os prégadores de uma democracia falsificada que tem, infelizmente, feito escola mas que não terá largo futuro . . . isto é assim, digam o que disserem.

José d'Alpoim é uma esperança, como o foi João Franco, mas o seu insucesso, dado que lhe deem os altos poderes occasião para isso, será igual ao de João Franco. E' possivel que a sua queda não seja tão ruidosa, é possivel, mas será inevitavel.

E' preciso ainda não esquecer que o sr. Alpoim não tem um partido — é chefe de uma guerrilha e que, combatido, a valer nas camaras, não o poderia governar senão em dictadura.

Tem elle, ao menos, envergadura para ser um dictador, a valer? E deixa-lo-hiam fazer dictadura os companheiros da sua lograda jornada? Isto não dá vontade de morrer como dizia Haculano . . . Nem vontade de rir . . .

BELGAVINO.

Conta o *Margarido* que fora o sr. Soveral quem aconselhou o sr. D. Manuel a manter o ministerio, dizendo-lhe: *Agarre-se a elles, meu senhor!*

Ora é evidente que se o sr. D. Manuel tivesse agora de descer a esse papel, não ia agarrar o Beirão.

Não era valentia, e, portanto, não era gloria.

Então agarrava mas era o França Borges, que é bem fornecido e bravo.

Demais a mais, de longa data assistido e tratado pelo Borracho!

E' completo!

Escreve mais Alpoim, na *sua* ultima carta para o *seu Janeiro*, falando do *Credito Predial:*

"Os processos criminaes já começaram. Um d'elles é instaurado pelo sr. Escorcio, accionista e obrigacionista importante (e de ha muitos annos), que tem como advogado um rapaz novo, republicano, orador de talento, o dr. Carlos Olavo, que mal conheço mas que sei ser um homem de valor„.

Elle nunca o leu! Elle nunca o ouviu! Elle mal o conhece! Mas sabe que é um homem de valor!

E' completo!

E muito homem de talento ha n'esta terra, benza-os Deus!

Mas n'este genero tivemos um cá em Aveiro que deixava a um canto o borrabotas do Alpoim, eleiçoeiro e pantomineiro. Em elle fitando mulher gravida, pelo bambolear dizia logo se o que estava para sahir era femea ou era macho.

E, como o Saragoçano, quasi sempre acertava.

Porem, ainda que não acertasse, não perdia seus creditos nem a sua popularidade, porque se offerecia logo para compadre e, sendo rapaz, *para o livrar de soldado.*

Um *subalterno*, meu Alpoim, um *subalterno*. Anda ahi agora o senhor a encher a bocca com subalternos, desdenhando-os, e, ao pé d'esses grandes *eleiçoeiros* que Deus tenha em gloria, não passa o senhor... d'um subalterno.

Está baixa, na verdade. A craveira está baixa como todos os diabos. Só os pulhas subiram. Esses, sim. Estão mais altos!

O rei dos bandidos

O *Liberal* sahiu-se, atirando-se a valer sobre o malandrão do Affonso Costa. Se lhe tivessem feito isso ha mais tempo, já elle estava de ha muito inutilisado. Se, quando elle fala em *moralidade* na camara dos deputados, sahisse uma voz do lado a gritar-lhe: «Cala a bocca, pulha, que não tens auctoridade para dizer nada» ha muito que elle teria encolhido as garras. Mas se lhe teem medo!

Aguentem-se. Quem tem medo tem albarda.

O *Liberal* atirou-lhe. Atirou-lhe forte e atirou-lhe bem. Mas esqueceu-se de varios factos importantes.

Assim, o *Liberal* fez a comparação dos *honorarios* do bandido na questão Esteves Ribeiro, com os honorarios do advogado Rangel na questão Urbino de Freitas. E' flagrante a ladroeira, não ha duvida. Esmaga, o contraste. Mas ha outra comparação mais eloquente do que essa: a que o advogado José Francisco de Azevedo e Silva, alta figura do partido republicano, fazia entre os *honorarios* do malandro na *Companhia dos Phosphoros* e os do grande jurisconsulto Paiva Manso ao conquistar para Portugal uma das colonias que nos disputava o extrangeiro.

Isto é absolutamente authentico. Ouvimo-lo nós da bocca do já citado Azevedo e Silva, e ouviu-o muita gente do partido republicano.

Como já n'outro dia tivemos occasião de dizer, esse José Francisco d'Azevedo e Silva considerava tão escandaloso o facto da sua quadrilha reeleger deputado por Lisboa o Affonso Costa, depois da traficancia da *Companhia dos Phosphoros*, que queria declarar no *Diario de Noticias* que abandonava o partido republicano.

Affonso Costa, como os leitores do *Povo de Aveiro* teem visto, foi exauctorado *por todo o partido republicano.*

No Porto succedeu o que veem demonstrando as transcripções dos artigos publicados por Bruno na *Voz Publica.*

Em Lisboa não havia coisa que os republicanos não dissessem contra elle, quando foi da questão da *Companhia dos Phosphoros.*

Ramos da Cruz, o *Coelho Manso*, increpava-o no seio da propria Commissão Municipal, fulminando a sua conducta.

Azevedo e Silva descrevia minuciosamente os serviços judiciaes prestados por elle á Companhia dos Phosphoros, um requerimento, uma consulta, uma conferencia e pouco mais, para concluir que era o maior dos ladrões, pois tendo levado por tudo isso, que ficaria generosamente pago por 100 libras, **treze contos de reis,** o grande jurisconsulto visconde de Paiva Manso, por defender os direitos de Portugal n'uma lucta famosa com a Inglaterra, apenas recebeu, depois de um trabalho colossal e havendo conquistado uma colonia para a sua patria, seis contos de reis, menos de metade do que custara á Companhia dos Phosphoros, por trabalhos insignificantes, o bandido Affonso Costa.

Como Azevedo e Silva, clamou contra a pouca vergonha o João de Menezes, o Brito Camacho, a grande maioria do partido republicano de Lisboa.

Manuel d'Arriaga, apesar de timorato, comprava em plena rua, ás escancaras, como signal de protesto, a *Folha do Povo*, que dizia coisas tremendas contra o Affonso Costa.

De Coimbra já elle tinha sido expulso, por assim dizer. Pelo menos, os republicanos d'alli diziam do bandido, por seu turno, cobras e lagartos. Mas segunda vez os vermelhaços d'essa cidade se revoltaram contra elle, e o accusaram de ladroeira e venalidade, quando a camara de Coimbra quiz municipalisar o serviço da tracção electrica. Já vimos aqui, transcrevendo trechos da *Defeza*, jornal republicano de Coimbra, como elle era accusado de pôr acima de tudo os seus *interesses de advogado.* Tambem vimos que eram tantas as imprecações, as censuras, as accusações dos republicanos de Coimbra, n'essa altura, que o *Mundo* teve de vir á estacada.

Vimos ainda como um jornaleco de Vizeu, *A Voz da Officina*, lhe poz as uvas em piso, sempre por elle *espesinhar os principios democraticos* e collocar acima de tudo os *seus interesses de advogado*, quando foi áquella cidade defender varios réos accusados pelos republicanos de tropelias eleitoraes.

O auctor d'esse artigo era o sr. Carlos de Lemos, que nos escrevia a nós, em seguida, a pedir mais mecha para continuar.

Todo o partido republicano portuguez — e é indispensavel consignar este facto — o tem accusada de ladrão. De ladrão, note-se bem!

Accusaram-no de ladrão, de charlatão, de trampolineiro, de traidor, de covarde, de tudo, os republicanos do Porto, quando foi da questão com Bruno e da questão Araujo-Esteves Ribeiro.

Accusaram-no de ladrão, abertamente, os republicanos de Lisboa, quando foi da questão entre a Companhia dos Phosphoros e a Companhia dos Tabacos.

Accusaram-no de ladrão, abertamente, os republicanos de Coimbra, quando elle, mancommunado com a Companhia Carris, queria prejudicar gravemente os interesses d'aquella cidade.

E accusaram-no de ladrão, ou de ganancioso até ao ponto de espesinhar por ganancia os principios democraticos, os republicanos de Vizeu, quando elle foi a Vizeu defender os regeneradores contra a *colligação liberal.*

Todo o partido republicano o conhece. Admiravelmente! Já em 1902 Bruno descrevia com precisão e verdade os *trucs* e os expedientes theatraes, que são o maior recurso do bandido e de que elle lança mão a cada passo. Leiam, leiam! Vejam o que hoje se transcreve da *Voz Publica*, n'outro logar.

Todo o partido republicano o conhece. Todo o partido republicano o tem accusado, *publicamente*, **das maiores indignidades.** E todo o partido republicano tem feito causa commum com elle. E faz.

Que grande quadrilha! Que grandes bandalhos!

Já no tempo d'estudante elle era tido por um canalha.

João de Menezes, um brejeirete — e isto tambem já nós o contámos — era-lhe hostil nas reuniões do Club Republicano Academico. E por brejeirice fingia, quando havia discussões e estava no uso da palavra, que se enganava, para lhe chamar. . . Cunha e Costa.

— Disse o sr. Cunha e Costa . . .

— Perdão! Eu não sou Cunha e Costa!

— Enganei-me, queira desculpar. Disse o sr. Affonso Costa . . .

Mas d'ahi a pouco *tornava-se a enganar*, o que provocava novo protesto de Affonso Costa e nova rectificação de João de Menezes.

Vejam a idéa que elles todos faziam do Cunha e Costa, que a esse tempo já não estava na Universidade, e a idéa que o João de Menezes fazia... do Affonso Costa!

No emtanto, ahi estão agora elles amigos, todos elles amigos, ou, pelo menos, aturando-se, beijando-se, *gramando-se*, por amor da . . . fraterninade.

Grande quadrilha!

Grandes pulhas!

E ousam falar dos monarchicos!

Só a tiro

Leio no *Seculo*, de sexta feira, em artigo de fundo:

Ante-hontem, amigo nosso que, por necessidade, subiu a escadaria de uma das secretarias de Estado, encontrou-se lá em cima com tres creaturitas enfezadas, vestidas de negro, soturnas e com o seu quê de funebre, á passagem das quaes os continuos cochichavam com alvoroço, com risinhos brejeiros e escarninhos.

Quem vinham a ser as mysteriosas personagens?

Não custou nada sabe-lo. As tres lugubres creaturas constituiam uma delegação da já famosa Liga de Defeza Monarchica, com séde na rua da Esperança do Cardal, e andava calcurriando os ministerios, a fazer entrega aos ministros da primeira lista de victimas, destinadas a serem immoladas em desaggravo ao regimen, graças ao seu zelo de cães de fila.

A inconsciencia desses individuos deu-lhes a audacia torpe de usurparem os logares de denunciantes politicos de officio, assumindo voluntariamente, com prazer e jactancia, uma funcção em geral desprezada e vergonhosa, que só convém ás pobres gentes a quem as irregularidades de vida difficultaram o poder viver por processos confessaveis.

A Liga de Defeza monarchica não comprehendeu que as suas propostas de 25 de maio, recebidas por uns com mofa, por outros com indignação, tinham sido demonstração bastante da sua inconsciencia moral.

Eu não sei quem é mais este pulha. Mas é um grande pulha!

Os leitores podem achar muita adjectivação. Eu tambem acho. Ao mesmo tempo, hão de concordar que os termos injuriosos dos diccionarios já são poucos para os definir!

Ao Affonso Costa é permittido roubar cartas para denunciar o auctor das cartas e os actos da vida particular e publica que ellas, de sua natureza tão intima, revelam. Isso não é uma *audacia torpe.* Isso não é uma *funcção em geral desprezada e vergonhosa.* Pelo contrario, é uma *funcção gloriosa.* Pelo contrario, é uma *audacia heroica.* Mas pedir aos ministros o cumprimento da lei contra *actos publicos*, como esse do archipulha Marinha de Campos escrever nos papeis da santa republica contra os poderes constituidos, e n'elles cuspir affrontas *sobre homens já mortos* e que tinha *jurado respeitar e defender;* como esse de funccionarios—os dos correios, por exemplo—porem as suas funcções á mercê das suas paixões, não só prejudicando o serviço publico, como satisfazendo vinganças ruins contra os seus adversarios politicos, isso sim, isso é uma *funcção desprezada e vergonhosa*, isso é uma *audacia torpe.*

Mas quem é esse pulha, que se atreve a sustentar essa moral nas columnas do *Seculo?*

Completamente extranho á vida d'essa imprensa ignobil, nem sei o nome da maior parte d'aquelles que a mancham com os dejectos das suas consciencias prostituidas.

Quem é esse, mais esse pulha?

A moral d'estes pulhas!

Os leitores lembram-se do celebre Urbano Rodrigues se ter gabado no *Mundo* de que projectava disfarçar-se para ir ás conspirações dos frades, ás suppostas conspirações dos padres, espreiter o que se passava para o vir depois dizer. Outra *funcção nobre!* Outra *audacia heroica!* Mas dizer a um ministro: *O' senhor fulano, olhe que aquelle cavalheiro, com prejuizo meu e offensa das instituições, está faltando ao que prometteu, está faltando ao que jurou*, é a ultima das acções, e, como tal, lança-se o nome de quem a pratica á execração publica.

Só a tiro!

Meu caro senhor.

No *Almanach do Trinta* (1) do anno de 1880 (publicação republicana) vem publicadas a paginas 130 as seguintes quadras:

UM COMO TANTOS

Conhecem Guerra Junqueiro?
E' um poeta *compadre;*
Apenas um cão lhe ladre,
Mostra-se logo sendeiro.

Ouve cá tu, ó Junqueiro,
Fallemos da *Tua Musa* . . .
Se é *tua* . . . pois um *cesteiro* . . .
Da profissão sempre abusa.

Quando escreveres, Junqueiro,
A *Sombra de Jehovah*,
Apanha versos lampeiro
Ao drama—*Sakuntalá.*

Pelo visto, já vè o meu caro amigo que o tal *cesteiro* é famoso na confecção do *seu* mister, pondo de parte o talento.

J. C.

(1) Lisboa — 1879— Typographia Popular – 273, Rua da Rosa, 275.

Os tres, os tres compadres

No *Diz-se:*

— Que o sr. D. Manuel faz grandes elogios ao sr. marquez de Soveral, dizendo que elle tem prestado grandes serviços á Patria.

— Que tem isto sido dito em varios «interviews.

— Que o sr. Soberal diz ser o sr. D. Manuel homem de talento, finissimo politico, e que foi por isso que arranjou as relações entre o sr. D. Manuel e o sr. Asquith.

— Que estes elogios mutuos fazem lembrar os dois compadres.

Os tres, os tres compadres: França Borges, Affonso Costa e Borracho.

Mas com esta differença: os elogios mutuos de D. Manuel e Soveral estão para os elogios mutuos do França Borges, Affonso Costa e Borracho, como o monumento do Largo do Pelourinho para a Torre Eiffel, no Campo de Marte.

Ao illustrado Ministro da Justiça

Com este titulo vimos hoje um communicado do sr. Dr. Almeida Garrett que pretende defender o ex-ministro da justiça, Dr. Montenegro, da accusação que lhe fizemos de ter violado manifestamente a lei, preterindo um oppositor graduado em Direito pela Univsidade de Coimbra, e despachando um oppositor com o simples curso de sciencia ecclesiastica, no concurso para a egreja de Tortozendo, concelho da Covilhã e Diocese da Guarda.

O sr. Dr. Garrett publicou uma consulta e resposta firmada pelo abalisado jurisconsulto de Coimbra, sr. Dr. Chaves.

Mantemos as nossas anteriores affirmações, isto é, que o ex-ministro da Justiça, sr. Dr. Montenegro, violou manifestamente a lei.

Discordamos do parecer do sr. Dr. Chaves, que consideramos anti-juridico, pelos seguintes fundamentos:

1.º A praxe seguida desde 1862 e cremos que ainda antes é serem preferidos nos concursos parochiaes os oppositores graduados em direito ou theologia, em egualdade de circumstancias.

2.º O decreto de 2 de janeiro de 1862, art. 15, colloca em 1.ª classe os ecclesiasticos que tiverem alguma das seguintes qualidades: " formatura em direito ou theologia; curso triennal de estudos ecclesiasticos em algum seminario diocesano e tres annos pelo menos de bom e effectivo serviço parochial: dez annos de effectivo serviço parochial „.

A disposição como se encontram estas tres ordens de habilitações, collocadas em linhas differentes, mostra bem que o decreto quiz apresentar tres categorias distinctas na 1.ª classe, preferindo a primeira categoria á segunda, esta á terceira.

E' esta a opinião d'*O Consultor Juridico*, revista de Lisboa.

Somos assignante da *Revista de Legislação e Jurisprudencia*, de Coimbra; e muito estimariamos vêr publicada nesta revista a referida consulta e resposta, que está abaixo dos créditos juridicos do sr. Dr. Chaves. N'esta revista seria apreciada pelos competentes.

3.º Quando este decreto offerecesse duvidas, que para nós é claro, podiamos recorrer á Carta de Lei de 11 de agosto de 1862, que no art. 8 dispõe que os alumnos formados nas faculdades de theologia e direito, serão empregados, sendo aliás dignos, no magisterio dos seminarios, . . . e bem assim serão attendidos *com preferencia*, em egualdade de circumstancias, no provimento das dignidades canonicatos, e dos *mais beneficios das mesmas dioceses.*

E no art. 9.º dispõe com clareza egual o seguinte: " E' suscitada em geral a observancia do que na conformidade dos canones e das disposições civis, se acha determinado quanto a serem preferidos, em egualdade de circumstancias, para *quaesquer beneficios* e empregos ecclesiasticos os clerigos doutores ou formados... „ Quer o sr. Dr. Garrett cousa mais clara? Porque não citou o sr. Dr. Chaves este diploma?

4.º Haverá doze ou quatorze annos foi apresentado no parlamento um projecto de lei, aliás justo, tendente a serem equiparados os alumnos das Universidades extrangeiras, se bem nos recorda, aos alumnos da Universidade de Coimbra. Foi discutido, seguindo, se bem nos lembra ter visto na imprensa d'aquelle tempo, os srs. conselheiros Dias Ferreira e Montenegro opinião opposta. Por fim foi votada a lei de que só seriam equiparados aos alumnos dos seminarios do reino, o que mostra que estes teem garantias inferiores aos alumnos da Universidade de Coimbra.

Se os alumnos da Universidade de Coimbra não tivessem garantias de preferencias, escusavam de se sujeitar á formatura em theologia durante cinco annos.

Era mais commodo tirarem o simples curso triennal dos Seminarios.

Não admira que o sr. Dr. Chaves assim respondesse, porque, sendo ha muitos annos progressista, não emittia um parecer desfavoravel a um ministro progressista, nem ao sr. Dr. Garrett, figura de destaque no partido progressista.

De tudo o que fica exposto, se conclue claramente que a resposta dada pelo sr. Dr. Chaves é anti-juridica e que o sr. conselheiro Montenegro violou manifestamente a lei.

L. Augusto de Lima.

O que rouba as saias á creada

A direcção da *Liga da Defesa Monarchica* já entregou ao sr. ministro da marinha uma petição para que o grande bilontra, que dá pelo nome de Marinha de Campos, não possa continuar a cuspir infamias sobre o cadaver d'um homem que foi chefe do Estado, a dirigir injurias ao actual rei de Portugal, a fazer propaganda revolucionaria, emfim, a calcar aos pés descaradamente, desavergonhadamente, cynicamente, as leis e os regulamentos militares.

Esse bilontra, esse bandalho, esse traste, esse safadissimo e vilissimo pulha, que vae *fardado* responder á accusação que lhe faz a creada, e que o ignobil safardana reconhece ser verdadeira, de a ter caloteado, e de, ainda por cima, lhe ter ficado com as saias, as camisas, as meias, os casebeques, os lenços, as arrecadas, só por ella, creada, *ter ousado* não querer continuar a servir na sua casa.!

Isto bastaria, só por si, para definir o pulha, e a sociedade pulha em que elle vive.

O pulha, que ousa accusar de *baixeza* os socios da *Liga de Defesa Monarchica*, só porque estes, muito justamente e ajuizadamente, pretendem *moralisar isto*, obrigando os pulhas que se dizem funccionarios a seguir o *unico* caminho digno que teem na sua frente: ou absterem-se de publicas e descaradas manifestações republicanas, ou pedirem a sua demissão.

O desavergonhadissimo biltre, que não sente subir ao rosto, áquella cara estanhada, onde nem os escarros se aguentam, uma pinga de sangue, escrevendo — odioso gaiato polluido, prostituido até aos ossos nas viellas, becos, e alfurjas de Lisboa — palavras d'esta desfaçatez, d'esta audacia impudica, d'este descaramento affrontoso:

Como tudo em Portugal se torna cada vez mais mesquinho para alem das fronteiras da Democracia!

Confessem, todos aquelles que ainda sentem dentro de si o sufficiente amor da verdade e da justiça para não ouvirem estas coisas sem indignação, que é preciso que aquelle miseravel, que anda por ahi a ostentar uma farda cheia de nodoas, tenha perdido todo o respeito de si e dos outros, tenha descido á abjecção affrontosa das rameiras, para ousar escrever palavras d'essas! O que elle precisava é que lhe arrancassem os galões, e, em plena rua, lh'os desfizessem, a murro, na cara sem vergonha!

Não sabemos o que resultará da participação que a creada deu contra o ignobil traste. Como se viu, o juizo de instrucção mandou a participação para o tribunal civil. Mas a auctoridade militar é que já devia, sobre isso mesmo, ter procedido. Não se pode admittir que um malandro que enche a bocca, a toda a hora, com a sua qualidade de official militar, fique com as saias, as camisas, as arrecadas da creada, alem de a calotear, só porque a creada *não quiz servir em sua casa.* Um malandro que faz isto, *accentuando a sua qualidade de official militar*, que vae, *fardado de official de marinha*, responder á queixa da creada, commetteu um attentado contra a dignidade geral, quanto mais contra a chamada e decantada *dignidade da profissão das armas.* E' um caso previsto, e bem previsto, no regulamento disciplinar.

A *Liga de Defesa Monarchica* parece que se limitou a pedir que o sr. ministro da marinha *não consentisse* que o vil gaiato *continuasse* a insultar a memoria do rei D. Carlos e os poderes constituidos. Ora não pode ser. O sr. ministro não se pode limitar a isso. O sr. ministro teve *noticia*, recebeu *participação* de um *crime* ou d'uma *infracção* militar. Não pode ficar reduzido a não consentir que o *criminoso* ou o *infractor* commetta nova infracção ou novo crime. Tem de castigar immediatamente a infracção commettida. Immediatamente! Nem ha outra maneira de impedir que a infracção ou o crime se repita. A lei não dá outros meios para isto. A infracção castiga-se de *prompto*, já como satisfacção á lei offendida, já para exemplo dos outros, já para que o mesmo, que commetteu a infracção, a não torne a repetir.

Ora ainda não vimos o pulha castigado, quando, repetimos, é expresso na lei militar que o castigo se siga immediatamente, salvo quando se tenha mandado proceder a averiguações, á participação ou noticia do delicto.

Infelizmente, o sr. ministro da marinha não está cumprindo o seu dever. E sem attenuantes. Porque se o biltre de quem se trata houvesse escripto um artigo isolado, ou se fosse um homem honesto e com serviços á causa publica, e a quadrilha a que elle pertence não houvesse sido a primeira a dar exemplos d'intolerancia e de perseguição, vá que se lhe passasse pela culpa. Mas sendo o pulha useiro e vezeiro no escandalo, fazendo gala das suas affrontas a tudo e a todos, e tendo o Borracho — que no proximo domingo voltaremos a correr á bofetada e pontapé por novas revelações que recebemos — denunciado o capitão Homem Christo, com applauso unanime da quadrilha republicana e especialmente do garoto que se chama Marinha de Campos, não ha justificação, e nem sequer explicação, para a attitude do sr. ministro da marinha. Entretanto, veremos e falaremos.

De resto, a *Liga de Defesa Monarchica* cumpriu o seu dever e pode, se continuar intemerata e zelosa, prestar relevantes serviços á causa da ordem e da moralidade publica. Era exactamente d'isso que se precisava. De quem não deixasse repousar os ministros sobre uma fingida ignorancia, ou supposto esquecimento das suas responsabilidades. Era commodo e era . . . eleiçoeiro. Ora é tempo, e bem tempo, de acabar com essas commodidades. Quem quer digestões de giboia, vae para o matto . . . caçar como a giboia. Não caça os cofres publicos e no meio de gente civilisada.

Agora já sabemos a que nos ater. Ou o ministro procede, seja qual for o ministro, ou assume abertamente a responsabilidade de não cumprir o seu dever.

Não era de discursos que precisavamos. Era d'uma acção energica e activa. A *Liga da Defesa Monarchica* não serve só a monarchia. Serve a monarchia e a republica. Pois se ganha a monarchia não perde a republica com a affirmação e sustentação dos bons principios da ordem, do respeito e da moralidade publica.

Isto podia lá ser! Isto podia lá continuar!

Em Arganil ha um administrador do concelho que é publicamente, ostensivelmente republicano. Leva a sua audacia até ao ponto de fazer, por toda a parte, a apologia do *Mundo*. E parece que é mesmo agente assolapado, correspondente occulto do orgão official da prostituição republicana em Portugal!

Em Aveiro fez-se ha pouco uma syndicancia aos correios. *Provou-se* que varios mariolões faziam dentro d'elles, como empregados, *a mais descarada propaganda republicana.* Provou-se que havia contra elles motivo, não só para suspensão, não só para transferencia, como, até, para demissão.

Um d'elles, principalmente, é um chagado. *Devia ter sido demittido ha muitos annos.* Pois ahi está elle, em cima da syndicancia, sem ter vindo ainda o resultado da syndicancia, por conseguinte affrontando syndicantes, director geral dos correios, etc., escrevendo insultos e infamias, n'um ignobil pasquim da quadrilha, contra os que ousaram pedir que se lhe pozesse cobro ás tramoias e ao descaramento.

Isto pode lá continuar? Isto não é já uma affronta á monarchia. Isto é uma affronta a todos quantos prezam não só a seriedade publica como a propria dignidade, porque se é mangar com o Estado é tambem mangar com o publico.

Acabemos com isto! Se a monarchia não tem força para se fazer respeitar, então que venha a republica, que, estamos certos, fará contra os monarchicos o que os monarchicos nunca quizeram fazer contra os republicanos.

Que venha a republica!

Mas acabe-se com isto.

Pulhas todos

Ora vamos a isto, mexer n'esta montureira em que se revolvem e atascam os concorrentes a salvadores da Patria. Com franqueza o confessamos, é com verdadeira repugnancia que mexemos na nauseante estrumeira, por termos, depois, de fazer dispendio em sublimado corrosivo, para a desinfecção, que se impõe.

Mas é necessario mostrar a todo o paiz — e em todo elle é lido o *Povo de Aveiro*, bem que lhes custe—quem são os, até ha pouco invulneraveis sacripantas, que ousadamente accusavam tudo e todos, certos da impunidade que a covardia de muitos e o despreso da maior parte, lhes garantiam.

Mas vamos dar a palavra ao sr. José Pereira de Sampaio, *Bruno*, o, ainda hoje considerado pela grey, republicano immaculado.

Elle falla de Allonso, na *Voz Publica* de 15 de janeiro de 1902, d'est'arte, sobre a epigraphe

"COMMEDIANTE»

Em todas as peças em que entram, os actores, quer façam papeis de responsabilidade quer pequenas e curtas rabulas, arranjam certos *trucs* destinados a illudir melhor o publico e a conquistarem, assim, por meios falsos que não podem ser classificados de arte, as palmas d'esse publico.

Ha, porem, d'esses *trucs*, sempre, um qualquer em que elles confiam e com o qual têm a certeza de arrancar o successo e levantar o enthusiasmo. No theatro ha muitos d'esses expedientes, usados a miudo por actores, auctores, emprezarios, machinistas, etc.

Nos camarins contam-se frequentemente d'essas façanhas em que, ás vezes, a audacia subita d'um actor, salva uma situação critica, empregando um *truc* que, embora já gasto de ferver pela setima vez como o chá famoso, dá resultado e lança, assim, poeira aos olhos do publico.

Esses golpes d'audacia são conhecidos de todos quantos um dia frequentaram o palco d'um theatro.

Ora, não sabemos se o dr. Affonso Costa pisou algum dia o palco d'um theatro. (1).

Não sabemos se elle conhece estes *trucs* usados pelos actores. Nem nos importa. O que nos importa e o que importa ao publico que nos lê é que elle usa de *trucs* similhantes.

Quando o dr. Affonso Costa se encontra embaraçado, n'uma situação menos honrosa para si, não perde, a linha: apruma-se, levanta a cabeça, estica-se e solta o *truc*, de modo a cegar os olhos do vulgo.

Convimos em que não é capaz de tal, ahi qualquer sarrafacilha. Convimos em que é preciso ter topete. Sim senhor. No que não convimos porem, é em que queira illudir-nos como se illudem os pobres-diabos, ingenuos, que são capazes de ir sonhar para casa com qualquer effeito theatral imbecil.

O dr. Affonso Costa,—já agora tristemente celebre— se prova que é de bico amarello ao empregar o seu *truc*, prova que é tolo—Alonso,— ao querer convencer-nos de que procede com sinceridade.

Assim, com a traiçoeira aggressão que fez ao nosso presado amigo sr. José Pereira Sampaio, *Bruno*, elle quiz convencer o publico—que julga seguro em admiração incondicional á sua pessoa,— quiz convencer o publico de que tudo quanto se lhe dizia nas columnas d'este jornal era mentira.

E' extraordinario!

Este homem é acusado n'um jornal de ter praticado e querer continuar a praticar deslealdades para com o partido a que elle dá a sua palavra que pertence. Não se trata de factos que interessem a elle só. Esses factos interessam o paiz que elle affirma querer servir. São do dominio publico. Ha, portanto, o direito de tomar contas d'esses actos. Querem-se explicações cathegoricas e claras.

E elle que faz?

Em vez de fornecer essas explicações, em vez de mostrar ao paiz que as accusações que se lhe fazem são falsas, em vez de procurar convencer, pratica uma aggressão.

Isto é: põe em scena mais um *truc*. Não se justifica, não dá as rasões do seu procedimento publico, não intenta mostrar que o seu accusador falta á verdade, não procura vencer o adversario em campo aberto, onde tem o seu logar. Não, cala-se, esconde-se, deixa chegar a noite e, de subito, sem que ninguem o espere, bate.

E o *truc* reside n'isto: é que elle bem sabia que não podia contradizer o seu adversario. Bem sabia que lhe estava prohibido pegar n'uma penna para esclarecer a opinião. Sentia-se embaraçado.

Conheceu que a comedia que elle vem representando deante do paiz inteiro fazia fiasco. E, como bom comediante, não se intimidou, não gaguejou. Andou para a frente. N'um relance, calculou: o publico não conhece a peça. Tanto sabe se o acto acaba aqui se não. Portanto, arranja-se um final, um final ruidoso, que faça escandalo, que desvie as attenções das falhas da peça.

E, ladinamente, a certa altura, em vez de affixar cartazes á porta da sua tenda, a pedir ao publico que lhe perdoasse o ter perdido a voz no lodo em que se atascou, apita a reunir os seus comparsas e arranja um final de *éclat.*

Cuidava elle, o finorio comediante, que o publico ficaria deslumbrado. Havia sangue, ruido, vozearia. Que mais era preciso? E a peça continuaria, crescendo incessantemente a admiração dos papalvos.

Enganou-se, porem. D'esta vez, o *truc* foi conhecido. Quando elle julgava lidar com provincianos, appareceu-lhe de frente uma plateia de primeiras representações; e em vez das enthusiasticas palmas que esperava ouviu a mais formidavel e esmagadora pateada.

Contra a sua infame aggressão, a opinião publica protesta indignada. Em vez de se erguer, de se levantar, como elle queria, affundou-se. Liquidou. E, corrido, terá de deixar o Porto, intruso que era, na mais lamentavel das retiradas.

Será util que leve tambem a companhia (1).

Mais uma vez se prova que o theatro differe muito da vida real.

O que leva á gloria os comediantes, conduz á sombra mais obscura os outros homens.

Na vida não se pode ser comediante, Alonso illustre. Mais tarde ou mais cedo, cahe a mascara.„

Sem duvida nenhuma. A mascara de Allonso cahiu, foi-se ha muito; o que se não foi, o que não desappareceu foi a vergonha do dr. comediante — por ser coisa que elle não conheceu jámais.

Allonso atrevido, Allonso receptador de cartas, Allonso desvergonhado, Allonso pobre de mioleira como o provou nas memorias do Cabeço da Bola—especie de jeremiada de barbeiro de aldeia seria um homem liquidado.

Aqui ainda não. Ainda não está liquidado.

Tendo o despreso de toda a gente que acima da politica põe uma pouca de moralidade, conta no entanto com o culto de muito imbecil, e com a admiração forçada de muito republicano culto — a admiração que tem causa na politica jocobina.

E' que é preciso haver solidariedade!

E', portanto, a solidariedade ignominiosa do crime!

N'uma quadrilha de bandidos tambem ha solidariedade!

Porque não havia de havel-a na quadrilha dos bandalhorios que se propõe salvar a Patria, aos coices na moral, no civismo, na honra, no dever?!

Arre malandros!

*

Proseguiremos na proxima semana, que isto está para peras e ainda a procissão não vae na rua . . .

P. S. — No numero da *Voz Publica* de que reproduzimos o artigo acima, veem as actas de uma pendencia de honra, a cujo campo o astronomo Duarte Leite foi chamado por Allonso, em virtude d'aquellas memoraveis palavras pelo mesmo astronomo pronunciadas:

Esse Affonso Costa acaba de provar que é um canalha, um covarde e um infame.

Essa pendencia liquidou *honrosamente* para os dois sucios . . . nas actas. Comtudo, d'essas actas se vê que astronomo Duarte apenas retirou o *covarde;* o *canalha* e o *infame* ficaram de pé, sem prejuizo de maior, visto que do conflicto apenas resultou . . . um coice no bom senso.

De resto, retirando Duarte incommensuravel o *covarde*, bem podia ter retirado o *canalha* e o *infame* — para mais honradamente se amarem, como hoje se amam.

E são passados apenas 8 annos, depois que isto occorreu.

Dir-se-hia ter volvido um seculo, tal a desvergonha d'estes homens!

Arre, que são de uma sensibilidade mais dura do que . . . lasquinhas de côrno! . . .

Enviam-nos da America o seguinte:

Para conservar a Religião Catholica e a Lingua Portugueza entre os filhos dos Portuguezes nos E. U. A. do Norte ha muita necessidade de **Padres** Portuguezes nas arcedioceses de Boston, Massachusetts; e de San Francisco, California; e nas dioceses de Providence, Rhode Island de Portland, Maine; de Hartford, Connecticut; de Fall River, Massachusetts; de Sacramento, California de Los Angeles, California: Estados Unidos da America do Norte.

(1) O primeiro cuidado do Allonso Costa, ao entrar no theatro, é subir a um camarote ou outro, ir á plateia, olhar para todos os lados para certificar-se de que todos o viram já, e eil-o seguidamente calcurreando para o palco e, entre bastidores fazendo . . . politica com as actrizes e coristas. Isto é authentico. (N. da R. do *Povo de Aveiro*).

(1) Da companhia, que José Sampaio chama bachareletes, alguns foram de abalada para a Lisbia amada, meio mais propicio ás glorias affonsinas, conquistadas pele mesmo processo que outras, menos felizes, alcançam uma prisão. Pelo Porto ficou apenas o sucio de Allonso, que o Padua, o Santos Cardoso, o Bartholomeu e outros pulhas muito pulhas, classificam de — muito bacharel e muito burro. Comtudo esse bacharel não é, que se saiba, a creatura ascorosa que são estes grilhetas. Tem um crime ás costas — a sua admiração incondicional por Allonso.

(Nota da R.)

UM IGNOBIL GAROTO

Não nos enganavamos, não. Nunca tinhamos ouvido falar em Alberto Silva e em Julio Ribeiro, como já dissémos. Não tinhamos a menor informação d'esses bandidos. Nunca haviamos lido — nem sabiamos da sua existencia — o papelucho onde rabiscam os dois biltres. Mas bastou-nos ler uma vez a gazeta para immediatamente concluirmos que estavamos em face de dois garotos e de dois cretinos. Foi esta a nota que accentuámos. Immediatamente. E não nos enganavamos. Acertámos.

Elles dizem que o estylo é o homem. Na verdade, é o homem. Foi o estylo que nos denunciou, desde logo, em Alberto Silva e Julio Ribeiro, dois gaiatos sem sombras de vergonha.

De toda a parte nos chegam as peores, ou as melhores, informações do asqueroso Julio Ribeiro. E todas confirmam, todas, o conceito que de si proprio fez o pulha: um malandro cheio de vicios.

Pelo considerado e valente jornal de V. Ex.ª — primeiras palavras da carta que o pulha nos dirigiu — *vejo que recusaram a dar-lhe informações* **do malandrão Julio Ribeiro, que por aqui arma em moralão quando a sua vida é cheia de podres.**

Tal e qual! O pelintrão é cynico. Conhece-se, e descaradamente se define.

E' preciso notar-se que não tratamos d'este gato morto senão pela conveniencia de apresentarmos aos leitores mais um especimen interessante das quadrilhas politicas. Senão empurravamo-lo, somente, a bico de bota, para o cano d'exgotto da sua existencia. De cabeça mettida na sargeta, não offende ninguem com os seus esgares truanescos. Demais a mais sempre prompto a fugir ao primeiro pontapé que lhe atirem ao focinho. Mas este latrinario pulha é um symbolo. Já as gazetas redemptoras — *similia similibus* . . .—lançam mão d'elle e o exaltam. Temos aqui um pasquim da Covilhã, e outro pasquim de Portalegre, que mão anonyma nos envia, em que dois pulhas, d'aquella numerosa familia republicana já dos leitores tão conhecida, e cujo valor moral se afere pelo Cunha e Costa, Alexandre Braga, Affonso Costa e tantos outros, lançam mão da proeza do *malandrão*, como elle, e muito bem, a si proprio se define, para com ella enflorarem a coroa de virgem que ha de cingir a fronte da republica. A toda a gente, ainda a de toque mais impuro, causaria repugnancia a garotice do biltre. Safadissimo biltre! Pois aos *redemptores* encheu-os de alegria e acclamaram o heroe como se elle houvesse desatado o nó gordio ou passado o Rubicon.

Grandes pulhas!

Mas quem é, afinal, o repellente pilho?

Ha dois aspectos no bicho immundo. Um, o de idiota. Outro, o de pulha. Isto é — adoptamos as suas palavras — *o de malandrão que anda pela Guarda a armar em moralão* (rimou, o poeta ranhoso!) *quando a sua vida é cheia de podres.*

E é. Informam-nos que o birbante piolhento é filho d'um official, que morreu reformado em major: major Ribeiro. Que foi sargento. Que andou annos seguidos nos lyceus da Guarda e de Vizeu, sem fazer nada. Que deu cabo de uma fortunasinha que o pae tinha, deixando na miseria a mãe e as irmãs. E que, depois, praticou contra estas as ultimas infamias. Este é o aspecto pulha, galeriano, do traste. Mas como elle é capaz de dizer de si proprio que bateu na mãe e que deixou expirar o pae sem camisa, sendo preciso ir buscar uma emprestada para vestir ao triste, depois de morto, deixaremos para domingo esse aspecto de pulha, á espera de novas informações que confirmem as recebidas, e eis hoje o aspecto idiota do reles escrevinhador da gazeta teixeirista, para o que basta transcrever o que o sr. Alvaro Pinheiro Chagas disse no *Diario Illustrado*, de 23 de outubro de 1909.

A esperteza humana

Na Guarda um jornal regenerador demonstra não ter limites a esperteza humana—As "Notas d'um lisboeta„, o sr. Julio de Vilhena e um reclamo em verso

Viram os nossos leitores que fizemos aqui varias *blagues* em *réclame* ás *Notas d'um lisboeta*. Entre essas *blagues* inserimos uma em que, annunciando a publicação d'um imaginario livro de versos do sr. Julio de Vilhena, faziamos, com toda a seriedade, um elogio ao illustre chefe do partido regenerador, gabando-lhe os versos, enaltecendo-lhe o estro poetico, prophetisando-lhe uma presidencia do conselho, etc., etc., e terminando o artigo pedindo licença para transcrevermos, ao acaso, do livro uma das suas mais bellas paginas. Publicavamos em seguida uns versos por nós feitos, que attribuiamos ao sr. Julio de Vilhena e que fechavam por um reclame ás *Notas d'um lisboeta*.

A *blague* era evidente e difficil seria a quem visse um palmo adeante do nariz não comprehender logo que nem o sr. Julio de Vilhena publicára semelhante livro de versos, nem sequer fôra o author da poesia que inseriamos.

Pois vemos agora no *Correio da Noite* que um jornal regenerador da Guarda tomou a serio o *reclame*, acreditou que o sr. Julio de Vilhena tivesse publicado o livro de versos, acatou como veridico que tivesse feito uma poesia em *réclame* ás *Notas d'um lisboeta*, enguliu como fiel expressão da verdade toda a nossa *blague*.

Não queremos apreciar quanto ha de estranho que um jornal regenerador faça a respeito do chefe do seu partido uma tal idéa, que acceite como possivel que elle Conselheiro d'Estado, par do Reino, ministro de Estado honorario, ex-proximo futuro Presidente do Conselho, e proximo futuro ex-chefe de partido, publicasse um livro de versos *Rosas e abrolhos*, contendo poesias com *réclamos* a livros ou secções de jornaes.

Não é a nós que compete apreciar isso. Ao sr. Julio de vilhena é que compete avaliar e agradecer a a conta em que os seus correligionarios teem o seu bom senso, o seu criterio, a sua noção do modo como devem proceder perante o publico os homens na alta situação em que s. ex.ª se acha.

A nós cabe-nos apenas agradecer ao *Jornal do Povo*, da Guarda, a excellente opinião que tem das nossas qualidades de poeta, pois que nos pertencem de direito, visto sermos os auctores dos versos, os elogios que o *Jornal do Povo* faz ao sr. Vilhena, suppondo ter sido elle quem escreveveu essas **bellas lyricas que, na sua originalidade e graça, bem põem em relevo as mais altas faculdades de poeta primoroso.**

E' pois reconhecidamente que, *poetas primorosos* que fazemos **bellas lyricas** com *originalidade e graça*, agradecemos ao *Jornal do Povo* não só os elogios que nos faz indirectamente, na supposição de ser o sr. Vilhena o auctor dos versos por nós feitos, mas ainda, e principalmente, a descompostura que nos ferra nas nossas *Notas d'um lisboeta*. Sempre nos foi extremamente agradavel o saber que por esse paiz, mettidos na sua toca, jornalistas façanhudos, arreliados, apopleticos e rancorosos rosnam enfurecida e impotentemente contra nós.

De resto triste seria que quem taes provas de esperteza deu agora, nos fizesse elogios que não fossem por engano.

Para que os nossos leitores não supponham que se trata de uma *blague*, transcrevemos na integra do *Correio da Noite*, de ante-hontem, com todos os titulos *normandos* e sublinhados, a local em que o illustre orgão progressista se occupa de picaresco e estupendo caso.

Como os nossos leitores verão o *Jornal do Povo* até põe jubilosamente em normando a parte do nosso artigo em que chamavamos ao sr. Julio de Vilhena *futuro presidente do conselho*. Ao que parece o *Jornal do Povo* estava receioso de que o sr. Julio do Vilhena nunca fosse Presidente do Conselho . . . por nós lhe não darmos licença para isso.

Decididamente fica agora provado, pelo tremendissimo fiasco do *Jornal do Povo*, que a esperteza humana não tem limites.

Segue a local do *Correio da Noite* que contem a transcripção do artigo do *Jornal do Povo*, orgão do *Centro Regenerador Hintze Ribeiro—José Cavalheiro*, da Guarda.

O *resto* para domingo.

O idiota riu-se de nós termos dicto, da outra vez, . . . o *resto para domingo*. Pois, fiel sempre á nossa palavra, que ainda não deixámos de cumprir, outra vez dizemos:

O resto para domingo.

Que garoto! Que cretino! Como nós, desde que lhe vimos a gazeta pela primeira vez, lhe puzemos logo o dedo em cima!

E era esta besta, tão chapadamente besta, quem nos chamava *burro*, a nós, por acceitarmos como *verdadeira* uma carta nas condições já referidas!

—

Depois de composto este artigo, recebemos carta do nosso correspondente da Guarda. Mas como a carta trata, em especial, do caso *Notas d'um Lisboeta*, dispensamo-nos hoje de a publicar.

Queira, porem, fazer o favor de continuar. Esperamos nova carta para domingo.

Ao sr. Ministro do Reino

Factos ultimamente occorridos no lyceu do Funchal, obrigam-nos a chamar a attenção do sr. Ministro do Reino para aquelle estabelecimento de instrucção.

Eu não sei se o *Povo de Aveiro* é lido por aquelle que dirige superiormente a instrucção publica d'este meu paiz, mas porque me é dado aqui um cantinho, d'aqui me dirijo ao Ministro do Reino, para lhe dizer, bem alto, sem receio de desmentidos, sem temer celeumas, intrigas ou inimizades:

— Que o lyceu do Funchal, entregue desde largo tempo ao maior desleixo, não satisfaz como estabelecimento de ensino secundario e ou deve ser fechado como prejudicial á instrucção e educação da mocidade madeirense—ou deve soffrer, quanto antes, e da maneira mais rigorosa, uma syndicancia que não só ponha côbro ao que por lá se tem passado e passa, como castigue, rigorosamente castigue, os culpados.

Sr. Ministro!

O Lyceu do Funchal é um antro. Alli não se ensina, em regra, coisa alguma. Os alumnos que d'alli sáem não sabem, em regra, coisa alguma. Os professores não procuram ensinar, os rapazes não cuidam de apprender.

Durante muito tempo reitor do estabelecimento o dr. Nuno S. Teixeira, cabem-lhe graves responsabilidades, antes de nenhum outro n'aquelle descalabro vergonhoso, que teve agora como epilogo dramatico uma cobarde aggressão na pessôa d'um professor e como desfecho burlesco a demissão do mesmo reitor.

Os rapazes fizeram sempre o que quizeram dentro do lyceu. O reitor mandava syndicar, syndicava elle mesmo e acabava sempre por concluir que . . . ninguem tinha razão, ou que todos tinham razão, o que vem a dar, pouco mais ou menos, a mesma coisa. N'um anno um professor de latim, interino, dava só meia hora de aula e queria no fim do anno, obrigar os rapazes a todo o programma. Era no tempo, ainda, dos 7 annos de latim (n'esse anno o sr. Nuno Teixeira não era reitor, diga-se) e os rapazes não concordaram. Queixaram-se ao reitor, tiveram uma hora de aula e foram todos reprovados no exame final de 4.º anno, a que, por falta de média, foram obrigados.

Elles estão ahi vivos, bachareis e militares, podem confirma-lo.

Ha aulas em que o professsor vae ao lyceu 4 ou 5 vezes durante o anno lectivo e os rapazes passam por média, com notas de bom e m. bom, sem haverem sido chamados.

Pergunte-se aos rapazes o que ficam elles sabendo de historia, por exemplo, de litteratura nacional, de francez, de allemão, de philosophia, quando sáem d'essa escola e elles, os que não quizerem mentir o dirão: que saíram sem saber coisa alguma, e dirão uma grande, uma enormissima verdade. Saíram sem saber coisa alguma.

Culpa de quem? Principalmente do reitor, que nunca fiscalisou nada, que não quiz nunca saber de nada, que nunca tomou a sério o seu papel, a quem faltou sempre força para se impôr aos professores, auctoridade para se fazer respeitar, para se fazer temer pelos alumnos.

Principalmente do reitor que desconhecia as disposições mais elementares do regulamento, que não cuidou nunca de fazer observar a lei. Aquelle lyceu, Senhor Ministro, é um antro, aquelle lyceu tem de ser rigorosamente syndicado, e aquelle que lhe falla, que não deve absolutamente nada ao lyceu do Funchal, nem tem contra a bacharelagem que alli professa antipathias de especie alguma, está certo de que V. Ex.ª olhará um pouco por aquella casa.

Não deve haver contemplações com os que levaram o lyceu onde professou Francisco de Andrade e onde estudou Camara Pestana até essa baixeza vergonhosa em que se encontra, e o homem que fôr encarregado de ir ao Funchal syndicar, mister é que seja um homem independente, absolutamente livre de compromissos partidarios, forte para não se deixar abordar pela parasitagem politica dos clubs de intriga e da má-lingua em que, infelizmente, o bom do Funchal é fertil.

A aggressão agora soffrida pelo padre Botelho, que nunca vimos nem de longe conhecemos, que nem sabiamos professor no Funchal, é o testemunho do vergonhoso estado de indisciplina a que tudo alli chegou.

O padre Botelho negou-se a tirar uma falta ou coisa que o valha a um garôto qualquer que entendeu aggredi-lo e depois, os outros garôtos tambem quizeram «molhar a sua sôpa». Os professores fecharam-se na bibliotheca, por causa das duvidas e o reitor pediu a demissão, tambem por causa das duvidas, claro.

Este, em suas linhas geraes, o caso ultimo. Isto é o bastante, crêmos, para V. Ex.ª mandar ao Funchal uma pessôa de sua confiança vêr e ouvir para poder, depois, lhe contar a verdade toda e V. Ex.ª proceder depois, com a lei na mão, de harmonia com a sua consciencia.

Senhor Ministro, V. Ex.ª tem um bom passado e ninguem o pode accusar com justiça do que por ahi se assaca á maioria dos politicos da nossa terra. Olhe, sr. ministro, um pouco para aquelle lyceu, chame á responsabilidade os delinquentes mas não se limite a este caso do padre Botelho, olhe um pouco para traz, procure detalhes, pormenorise, e verá que o lyceu do Funchal, para merecer o nome de lyceu, tem de ser modificado, pôsto na ordem, custe o que custar.

O reitor tem de ser castigado, como principal responsavel de tudo e os professores chamados ao rigoroso cumprimento do seu dever, por quem tenha auctoridade moral para o fazer.

Ahi está uma boa occasião de mandar para reitor um homem de fóra da ilha, independente, de proposito para corrigir, para castigar.

Se fizerem uma syndicancia rigorosa, se verá que temos razão de sobejo para dizer que o lyceu do Funchal é um antro.

Se fizerem uma syndicancia digna, se verá que ha culpados e que elles não poderão ficar impunes.

Se fizerem uma syndicancia detalhada, se verá que os erros vem de longe e pertencem um pouco a todos, á frente dos quaes tem de ser inscripto o reitor demissionario.

Pois que essa syndicancia venha, Senhor Ministro, para bem da Madeira, para bem de seus filhos e para honra de V. Ex.ª.

Lisbôa, maio.

J. de C.

De Lisboa

Lisboa, 30-5-910

. . . Sr. Homem Christo.

Bandidos, bandidos, bandidos, que se não importam sacrificar esta patria querida, ás suas vaidades, aos seus despeitos e ás suas conveniencias e ás dos amigos que com elles aquadrilham. Só fallam no paiz unicamente para arredondar um discurso, ou um artigo. Em nenhuma conta teem os interesses da patria. São capazes de sacrificarem a patria só para satisfazer os seus mesquinhos interesses e as suas estultas vaidades. Quando divisam uma questão de que suppõem poder tirar partido para a satisfação dos seus abominaveis interesses e das suas sordidas vaidades, fazem um escarceu medonho pera tentarem convencer o paiz que é o santo amor da patria que os impulsiona.

Mal veem, porém, que não lhes produz o effeito desejado, nunca mais ninguem os ouve fallar em tal. Inventam outras e outras questões para, do mesmo modo, abandonarem logo que presentem que lhes não dá o resultado desejado. Mas não desanimam e voltam de novo á carga quando julgam que podem de novo intrujar o povo.

A opposição dirigida por Affonso Costa, Alpoim e Teixeira de Sousa tem sido infeliz em todas as tentativas que tem feito para apanhar o poder., de que anda faminta, para se locupletar á custa dos cofres publicos. Lançou mão do tratado de Lourenço Marques com o Transwal, fazendo uma berraria medonha no parlamento, na imprensa, nos comicios e nas Arcadas, nos cafés, nas tabacarias, no Chiado, nas ruas, nas lojas, em toda a parte. Parecia . . . que ia desabar o mundo sobre *os malvados* que tinham entregado aquella joia da coroa á Inglaterra. Fizeram os seus adeptos toda a sorte de desordem na camara dos deputados, para mostrarem que os ministros tinham atraiçoado a patria.

A breve trecho tudo acabou e não mais quizeram saber da patria. Quem ouviu ahi esta santa gente falar mais em semelhante tratado?

Tartufos reles e indecentes! Como isto lhes não désse resultado lançaram mão do emprestimo feito por Espregueira quando Ministro da Fazenda, para a construcção de caminhos de ferro.

Fizeram tal berraria, que ensurdeceram o paiz; empregaram os maiores tropos para mostrarem que este ministro tinha defraudado a nação. Esta santa gente tem tanto interesse pelo paiz que não pensa senão na sua salvação.

Se o ministro Espregueira fosse capaz de se utilisar de parte do emprestimo e repartisse com a quadrilha, que tanto o atacou teria n'ella os seus mais energicos defensores. Não ha em Portugal duas pessoas que tenham duvidas a tal respeito.

Vejam que duvidas havia de ter o Teixeira de Souza, o Affonso Costa, Alexandre Braga, o Centeno, o Moreira d'Almeida, etc., etc., de defenderem o ministro com a maior dedicação, energia e coragem, se repartisse com elles parte do emprestimo. Em vez de o crucificarem, de o insultarem, de o ridicularisarem, tudo mudava; passaria o Espergueira a ser o ministro mais talentoso, o mais patriota, o mais sabedor, o mais honesto que este paiz tem tido.

Assim não houve insultos que não lhe dirigissem. Não houve improperio que não lhe assacassem. Houve duellos, por causa do emprestimo, houve barulhos na camara, houve sessões interrompidas. Enviam inqueritos para provar que o ministro tinha prevaricado; o ministro põe á disposição dos pares e deputados, francamente, lealmente, claramente, sem restricções algumas, todos os documentos do seu ministerio. Nem um só lá foi ver as grandes ladroeiras que annunciaram! Pois se Espregueira não tinha dado vintem!

Não ha duas pessoas em Portugal que duvidem de que Affono Costa se calaria, ainda que tivesse havido roubalheira se repartissem com elle.

Quem rouba 24:500$000 reis aos herdeiros de Esteves Ribeiro, melhor lhe daria a paralysia de lingua se sentisse as algibeiras cheias. Tambem ninguem duvida que Teixeira de Souza, que empolgou á camara de Chaves as aguas de Vidago e exerce, escandalosamente, dois logares incompativeis, o de director do Banco Ultramarino e o de Administrador Geral das Alfandegas, que sendo ministro da fazenda, por obra e graça de Navarro e Marianno, mandou guardar para si, tivesse o mais pequeno escrupulo em acceitar qualquer participação no emprestimo e ficar caladinho, achando-o optimo.

O mesmo de Centeno, que roubou a mãe e as irmãs. Emfim, o mesmo de todos os outros que berrararam, partiram carteiras, tiveram guellas, insultaram, agitaram o paiz contra o governo onde havia um ministro da fazenda que tinha roubado. Cahe o ministro e já o paiz deixou de ser atraiçoado, e nunca mais ninguem ouviu fallar no emprestimo para os caminhos de ferro. Como esta campanha não lhes deu o poder abandonaram-n'a e nunca mais se importaram com os interesses do paiz que diziam querer defender. São estes os grandes patriotas! O que elles são, são uns grandes desavergonhados, uns grandes corruptos, uns grandes tratantes e os homens de bem uns grandes poltrões que não os correm a pau.

A seguir veio a questão do bispo de Beja e dos padres Anças, que tambem nada lhes deu, porque o paiz já os conhece.

Depois veio a qnestão dos assucares da Madeira em que Hinton ganhava muito dinheiro, diziam elles, e isso é que os engulhava. Que berraria, santo Deus! Parecia que cahia o mundo, com as patadas, os berros, os murros nas carteiras, as furias descompostas, tudo quanto ha de mais reles, indigno e vergonhoso.

Quem ouve ahi já fallar na questão Hinton? Não é, tudo isto, a prova mais que provada dos intuitos d'esta gente?

E esperam elles que o paiz os auxilie a assaltar o poder? Creio no bom senso do paiz para avaliar bem os intuitos que os inspiram.

Agora é o Credito Predial, com o que o governo nada, nada, absolutamente nada tem, sem que deixe, por isso, de andar transido de medo. E tal elle é, que tem adoptado providencias que parecem o proposito de dar cabo do Banco e da fortuna de infinitas pessoas que lhe confiaram os seus haveres.

Mas porque é que o governo só investe com o Credito Predial, deixando em paz o Banco Luzitano, onde estão dezenas de contos do Estado, e a Companhia dos Assucares de Moçambique, a Companhia dos Seguros, do Gaz e tantas outras tribunecas onde a opinião publica diz haver infinitas irregularidades?

Tudo isto faz o governo por medo da quadrilha, o que é lastimavel, vergonhoso, ignobil, reles e indigno! Miseravel paiz que está de cocoras diante de tão audazes pantomineiros e não sente uma onda de indignação para os correr a todos. Dizem esses tratantes que lhe não dão importancia, ao Senhor, porque o sr. Ho-mem Christo é um desqualificado!

O sr. é que é desqualificado! E elles, que hão de levar este paiz á **pobreza, é que são os puros, honestos, patriotas, homens de bem em toda a extensão da palavra!**

Mas que audacia, que atrevimento, que arrogancia, que bandalhismo! Elles homens de bem, e os que escrevem no *Povo de Aveiro*, e os que o lêem, é que são os patifes, os devassos e os corruptos!

E como se pode o paiz salvar com esta horda de audaciosos?

Os homens de bem são frouxos como palha, timidos como uma mulher adonzelada, e elles audazes, atrevidos, fazendo das pennas e da lingua estiletes para atassalhar a honra alheia. E o governo tranzido de medo perante a audacia dos quadrilheiros!

Está tudo aterrado.

A. P.

—

Esta carta continuava. Mas era dura de mais para Fernando de Serpa, hoje aniquilado e castigado, a quem se referia, e elogiosa de mais para o director d'este jornal. Por isso supprimimos o resto da carta.

Provincias

Alcabideche.

A reles sucia de *clowns* que dão espectaculo permanente nas tascas onde haja vinho ordinario (que é mais barato) quer á fina força *representar* o povo de alcabideche. Os miseraveis chulos! Como se a gente d'este logar, a quem aqui sempre se prestou homenagem, por honesta, trabalhadora e ordeira, tivesse algo de commum com meia duzia de inconscientes, que a si se intitulam republiquêlhos!

Não!

O povo d'aqui está indignado pelo mau nome que hoje tem esta terra, devido aos disparates da alcateia vermelha, que sem sciencia nem consciencia tem levado longe o echo em desfavôr d'este logar. Quem obrigou o digno Par do Reino, sr. Conde de Arnoso, a chamar, no parlamento, a attenção do governo para esta freguezia onde houve a *dignidade* de solemnisar o anniversario do covarde attentado contra El-Rei D. Carlos e seu innocente filho, com girandolas de foguetes?!...

Quem praticou esta selvageria que manchou um povo que quer ser civilisadado?

E quer tal sucia ser o povo de Alcabideche!

Não. Que os seus habitantes, que foram os primeiros a protestar, cheios de indignação contra este selvagismo, nada querem com tal gente que passa a vida a insultar a tudo, e a todos que se enojam da sua convivencia. Querem ser o povo de Alcabideche! Mas na urna tem-se visto sempre, que este povo não quer irmanar-se com a malta, vermelha á força de vinho! provando bem eloquentemente que é ordeira monarchica e civilisada, ao contrario da derrancada sucia que se distingue pela camisa tinta de vinho (á falta de gravata vermelha que não usa)!

E' preciso que todo o paiz saiba que a gente honesta d'este logar (e é quasi a totalidade da população) anda completamente afastada *dos sem gravata*, porque não quer collaborar no descredito da sua terra. Esse papel é desempenhado, a capricho, pelos *clowns* de feira, que, para em tudo serem completos, até possuem *ursos* hungaros, etc. etc. para gaudio do rapazio,..

Ora, então, viva a Repulha de Alcabideche! E viva tambem o

Thalassa II

—†—

Villa Nova d'Ourem

Na sua casa n'esta villa, acha-se gravemente enfermo "O Povo d'Ourem„ inspirando o seu melindroso estádo serios cuidados a sua familia e aos seus numerosos amigos.

E' seu medico assistente o abalisado clinico, o sr. Julio Alves; que achou o illustre enfermo tão mal, que requesitou uma junta . . . , que foi marcada para hoje ás quatro horas da tarde; para ella foi chamado por telegramma o dr. Antonio José d'Almeida, amigo particular do illustre enfermo.

Na conferencia a que assistiu o digno clinico, o sr. Antonio Lopes, "o Senistra„ verificou-se que não ha esperança alguma de o salvar.

O enfermo desejando conciliar-se a congregação . . . , de que ha muito andava afastado pediu para ser ouvido de c . . . . . .

A casa de sua excellencia, tem ido uma romaria de pessoas das mais distinctas, colher informações do seu melindroso estado.

Fez o seu testamento nas notas do tabellião "Girão„ nomeando seu testamenteiro o sr. Arthur de Oliveira Santos, e deixa ao sr. Idalyno Pereira, uma caneta e um tinteiro de prata; ao sr. Augusto Nunes, um clarinete novo; ao sr. Manoel Pereira Rodo, umas botas sem solas nem gaspias; ao sr. Joaquim Cordeiro, um cabaz d'enguias; ao compadre Leitão um selim novo.

. . . . . .

A' ultima hora receia-se que o enfermo dê o ultimo suspiro antes da noite, o seu estado é tão grave que foi preciso vestirem-lhe o colete de forças, porque o enfermo mesmo na agonia não está socegado com os pés.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.
Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismido Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59, João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Amaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27.
PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.
Espinho—Kiosque Reis; **Vizeu**—Kiosque do Rocio; **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade. **Alvorninha**—Paulino da Silva Mendes. **Alpedrinha**—Manuel dos Santos Tarouca. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal**—Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa Nova de Baronea**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Montemór o Novo**—José Antonio Guereiro. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.
Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos. **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Belarmino Barata. **Guarda**—José dos Santos.
Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Tavira**—Francisco Peixoto. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem**—Vende-se nas ruas. **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Beliz. **Villado Cano**—Antonio Martins Florentino.
Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana Rua Roberto Ivens. **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria.
Vianna do Alemtejo—Joaquim Antonio Carvalho. **Lorriga** *(Ceia)*—João Mendes Cabral Lages. **Escallos de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**, (Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luiz Fillippe d'Abreu **Bragança**—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Benavente**—Manuel Dias Varandas. **Cabanas**—Julio Requixa **Ponta Delgada-S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Emilio Augusto Fernandes. **Villa Nova de Famalicão**—José Ferreira Ramos. **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal**—Augusto Duarte Bento. **Caldas da Rainha**—José da Silva Dias, rua de S. Sebastião, 3 e 5. **Molta do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Manuel Botelho d'Abreu—Associação dos Empregados do Commercio—Avenida Central, 120.
Manaus—Agencia Freitas.

LOTERIA DE SANTO ANTONIO

Extracção a 10 de Junho

Premio maior 100:000$000

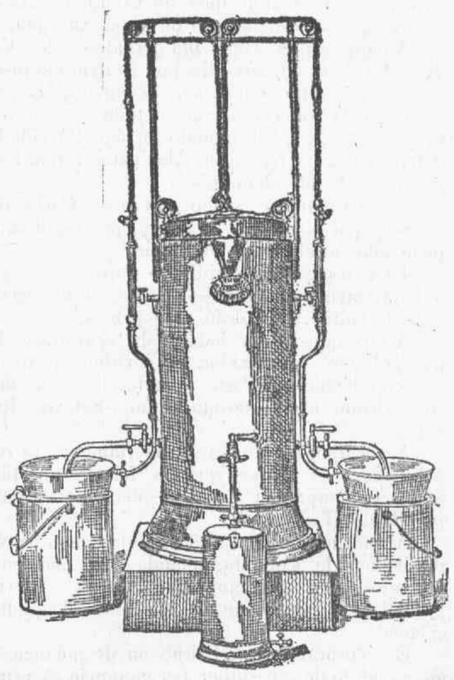
Bilhetes a 40$000 réis
Vigesimos a 2$000 réis

Cautelas de 1$600, 1$100, 550, 330, 220, 110 e 60 réis.

Todos os pedidos á casa

João Candido da Silva
196 — Rua do Ouro — 198
LISBOA

A. Anselmo & C.ª
20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20
LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene, Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª
LARGO DE S. DOMINGOS, 20
LISBOA